

Miriam Valle Campos

Romance

*O passado
de*

Dolores

EDITORA
EVE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Muitos são os percalços por que passamos em nossa caminhada rumo ao Pai. Quanto mais nos desviamos do caminho do Bem, mais complicados são os rumos que temos que tomar para voltar à rota correta.

Embora pareça simples, aprender tal lição exige perseverança e fé. E enquanto não se alcança estes atributos, inúmeras são as vezes que saímos e voltamos ao caminho correto, corrigindo algumas faltas e cometendo outras.

Em O Passado de Dobres, livro que nos traz as encarnações anteriores da personagem título de A História de Loia Gomes, descerramos o véu sobre o passado de Lola e descobrimos que atitudes tomadas por ela e pelos demais personagens levaram sua vida àqueles rumos.

Porém, mais importante que acompanhar a trajetória de Lola é aprender com ela, para que possamos percorrer a estrada que nos leva a Deus da maneira menos dolorosa possível.

O passado de Dolores narra a vida de Cristine, encarnação anterior de Lola Gomes. Cristine é uma rica e nobre jovem inglesa que vê sua vida tomar inesperados rumos após seu casamento com o misterioso Julian.

Vítima de obsessão, a jovem cede às debilidades da alma e afasta-se do caminho do Bem, atraindo para si grandes dissabores.

Para quem acompanhou de perto A História de Lola Gomes, a presente obra traz o início da história, mostrando porque determinados fatos aconteceram na vida de Lola. Mais que isso, este livro ilustra de forma clara o que pode acontecer quando nos deixamos perder pelas trilhas do mundo em busca de ilusões.

Se formos capazes de aprender com Cristine, certamente nos pouparemos de grandes sofrimentos futuros.

O Passado de Dolores

Miriam Valle Campos 1ª edição - julho/2007 - 3.000 exemplares

Capa: Arte: André Stenico Ilustração: Istockphoto

Diagramação: Abner Pereira de Almeida

Revisão gramatical e doutrinária: Mariana Messias dos Santos
Hilda Fontoura Nami

-Ficha Catalográfica-

Campos, Miriam Valle.

O Passado de Dolores, Miriam Valle Campos, 1ª edição, julho/2007, Editora EME, Capivari - SP.

192 p.

1 - Romance Espírita

2 - Espiritismo - Suicídio

CDD 133.9

Índice

Prefácio.....	7
Apresentação.....	13
1. Ainda Lola Gomes.....	17
2. Recordações de Cristine.....	21
3. Voltando no tempo.....	29
4. Com o passar do tempo.....	47
5. O triste desfecho.....	69
6. Auxílio tardio.....	87
7. A suicida.....	97
8. A remissão.....	119
9. O recomeço.....	137
Personagens.....	149
Mensagens em torno do suicídio.....	151

"Esteve com o mascate de cidade em cidade, ajudando-o com a mercadoria ou em qualquer outra tarefa solicitada. O homem acostumou-se com sua presença e chegou a afeiçoar-se a ela. Dolores acompanhou-o gentil e prestativa, enquanto andavam por lugares pequenos e insignificantes, como o que nascera, mas assim que chegaram a Madrid em busca de novas mercadorias, a mocinha desapareceu deixando o infeliz desconcertado.

Não mais veria o homem nem o ouviria chamá-la pelo nome. Dolores Fernandes estava morta. Surgia Lola Gomes, servindo mesas nas tavernas, agradando seus frequentadores e patrões, aprendendo a dançar e conhecendo as letras, chegando um dia a Paris, no Cabaré de Madame Rose Vernhez, a ser a estrela da noite parisiense."

(trecho extraído do livro "A História de Lola Gomes")

Prefácio

Espalham-se os livros espíritas pelas bancas e livrarias - espíritas ou não - levando a mensagem de renovação e esperança a tantas almas. Livros da codificação, doutrinários, científicos, filosóficos, de autoajuda, de mensagens, juvenis, infantis, de poesias e romances. Cumprem com seu objetivo, levando a informação do Consolador prometido por Jesus, como o vento que varre toda a face da Terra.

O processo de dar vida a um livro é, por vezes, bastante sofrido, sendo mesmo comparado a um parto. Como este, é um momento que finaliza todo aquele tempo de preparação e espera. E assim como ocorre às gestações e partos, cada um é único e especial à sua maneira.

A História de Lola Gomes passou quase dez anos sendo pensada e amadurecida antes de ser escrita. Quando decidiu finalmente colocá-la no papel, Miriam já estava acostumada a seus personagens e enredo. Tudo fluiu naturalmente, sem sobressaltos.

Com O Passado de Dolores não foi bem assim. Embora narre duas encarnações do Espírito que todos conhecemos como Lola Gomes, este livro foi bem diferente do anterior para sua autora. Pode-se dizer que o parto foi um pouco mais doloroso.

Da mesma forma que o primeiro, ele foi apresentado pelo plano espiritual como imagens mentais que a autora via ao acordar ou mesmo durante o dia. Para entendermos melhor, podemos comparar tais imagens às lembranças que temos de fatos do nosso passado ou filmes marcantes a que assistimos. No entanto, Miriam estava acostumadíssima com Lola após tantos anos de convivência. Já a nova heroína entrou em sua mente sem ser convidada (por assim dizer, pois sabemos que tais situações são programadas antes mesmo de encarnarmos) e logo ocupou todos os seus pensamentos.

Ocupou-os com tal força e vontade que Miriam viu-se impossibilitada de continuar uma das atividades de que mais gostava, e à qual se dedicava desde 2000: escrever peças para o grupo de teatro infanto-juvenil da União Espírita de Piracicaba, onde também ministra palestras e aulas de evangelização infantil. Fora a experiência como teatróloga que a incentivara a finalmente escrever A História de Lola Gomes, mas agora precisava de tempo para dedicar-se à nova tarefa de que lhe incumbira a espiritualidade, e sentia-se impossibilitada de, enquanto isso, dedicar-se a qualquer outra história além daquela que começava a pôr no papel.

Para trazer à luz sua história, foi necessário vivenciar tudo o que Cristine e os demais personagens passaram. Foram tempos complicados, em que as partes da narrativa apareciam em sua mente e, como em um quebra-cabeça, juntavam-se umas às outras dando à autora a noção do todo. Trabalhando em equipe com os amigos desencarnados, via lugares, pessoas e ações, descrevendo-os de forma que quem lesse o livro também pudesse ver tudo aquilo que era colocado em seus pensamentos.

Escrever um livro intuitivamente é viver a história que se escreve. É como assistir a um filme sentindo tudo o que sentem seus personagens, mas sem poder desligar a televisão, olhar para o lado ou mesmo pensar em outra coisa. Até aprender a lidar com tal situação, o autor é dominado pelas sensações narradas na história.

Por também fazer parte da equipe de teatro da União e frequentar o mesmo Curso de Orientação e Estudos Mediúnicos (COEM), posso dizer que testemunhei de perto muitas das experiências vividas pela autora no período de concepção e escrita deste livro.

Miriam confessou-me tempos depois, quando o livro já estava pronto, que tentou acabá-lo logo, pois as sensações de sua protagonista lhe eram bastante difíceis. Uma das cenas fora particularmente dolorosa: a descrição de um suicídio. Numa das aulas do COEM, no entanto, a espiritualidade, vindo em seu auxílio, colocou-a em contato com um Espírito que desencarnou nas mesmas condições do personagem de sua história. Desta forma, além do socorro necessário prestado pelo grupo ao suicida, a autora, experimentando sua angústia e sua dor, pôde, finalmente, descrever a cena tal como a captou.

Apesar de tudo, como já dito, um livro é como um parto, e este, por mais difícil que seja, sempre vale a pena. A doação aos desígnios do plano espiritual nos traz sempre um grande bem, pois nos permite auxiliar o próximo, e este é o fim maior de todo livro espírita. A vida é um eterno aprendizado e a literatura espírita nos ensina a lidar com os problemas inerentes à condição humana, sejam eles deste ou do outro plano.

Uma grata surpresa desvendada neste segundo livro é a identidade do autor espiritual, aquele que trouxe até Miriam estas duas obras. Embora ele ainda não tenha se apresentado formalmente, a autora revela que, em seu coração, já sabe quem ele é. Personagem em ambos os romances - antes como Rafael, agora como Irving, nomes fictícios -, o narrador das aventuras e desventuras de Lola traz à sua colaboradora de escrita uma maravilhosa onda de paz quando se aproxima dela, como uma brisa fresca. E que maior recompensa pode haver para um trabalhador da seara divina do que receber a visita de Espírito tão iluminado? A Irving - ou Rafael, ou qualquer que seja o nome pelo qual prefira ser chamado -, pela mão amiga que estende a todos os beneficiados pelos ensinamentos contidos nestes livros, meus sinceros agradecimentos. Que Jesus o abençoe em sua glória, hoje, amanhã e sempre.

Boa leitura!

Mariana Messias dos Santos

Apresentação

Em nossa trajetória como Espíritos imortais, carregamos conosco todas as experiências vividas. O esquecimento abençoado, que antecede cada nova existência, vai deixando adormecidos os momentos passados e sempre recomeçamos, com a graça de Deus, recebendo a oportunidade merecida para cada um de nós.

Esta história nos mostra o que levou Lola Gomes a querer vingar-se de Denizard e Jaqueline, e que o passado, apesar de adormecido, pode nos conduzir através de sentimentos e desejos. Para romper com o "ciclo de desajustes", é preciso estar com o pensamento e o coração voltados para o Pai, nosso norte, nossa luz, nossa salvação

Almas que migram em inúmeras existências, recebendo a graça de Deus, carregamos conquistas e vícios.

"Quando o Espírito deixa a Terra, leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza, e vai no espaço aperfeiçoar-se ou estacionar, até que deseje esclarecer-se. Alguns, portanto, levam consigo ódios violentos e desejos de vingança. A alguns deles, porém, mais adiantados, é permitido entrever algo da verdade: reconhecem os funestos efeitos de suas paixões, e tomam então boas resoluções; compreendem que, para se dirigirem a Deus, só existe uma senha - caridade. Mas não há caridade sem esquecimento das ofensas e das injúrias; não há caridade com ódio no coração e sem perdão" (O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XIV - 9).

Embora o esquecimento, trazemos nos corações os desejos mais secretos, as mais puras alegrias, os piores padecimentos, os caprichos mais sórdidos que não puderam ser sanados, as vinganças que não pudemos executar.

Quando nos vemos novamente no cenário das lutas terrenas, vamos agir desta ou daquela forma, "dependendo da menor ou maior persistência em nossas boas resoluções." (O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XIV - 9).

Trocadas as vestes físicas e os cenários do palco da Vida, permanecem no peito os mesmos anseios... até que o Espírito desperte, finalmente, para algo muito maior, algo verdadeiramente grandioso: o Pai a nos esperar com os braços abertos, a nos oferecer a verdadeira felicidade.

A partir daí, as luzes do Senhor do Universo passam a iluminar nosso caminho e guiar nossos passos na trajetória bendita da redenção, e encontramos forças para lutar verdadeiramente contra nossas próprias fraquezas e fazer com que, finalmente, a nossa luz possa brilhar.

"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." (Mateus, V:16)."

Ainda Lola Gomes

Estranho padecimento se apossava de seu coração oprimido pela angústia que se precipitava, sem mesmo precisar ouvir o adeus dos lábios do amado. A avalanche de emoções que a envolvia era avassaladora. Destruía-lhe as defesas, e os medos levantavam-se feito sombras espessas. Não podia aceitar a separação. Sentia-se presa ao sorriso de Denizard, ao seu olhar, ao seu corpo e alma, às batidas de seu coração. Todo seu ser pulsava na mesma intensidade daquelas emoções. Era sua. Sentia-se possuída e queria possuir através do amor egoísta, sem limites, numa paixão desenfreada, tresloucada.

Ainda sem poder compreender toda a extensão da tragédia que lhe abatia a felicidade, chorou. Lágrimas abundantes brotavam-lhe dos olhos, lavando-lhe as faces pálidas. O vinho foi sorvido avidamente na tentativa de anestesiar a dor. Ouvia dos lábios de seu amado palavras polidas e cuidadosas, mas que significavam apenas adeus.

Desesperou-se. Pediu, implorou, humilhou-se. De nada adiantou: era mesmo o fim. Jamais seria a mesma dali por diante.

Quanto tempo passaria ainda sentindo aquela dor que parecia insuportável e ao mesmo tempo tão sua conhecida? Não, desta vez haveria de ser diferente...

E por mais que Lola Gomes o amasse, faria algo para acabar de uma vez por todas e para sempre com o suplício que a corroía, exatamente como foi um dia. Mesmo sem ter viva a lembrança, procurou agir como se estivesse de volta ao passado. Não iria morrer desta vez.

Mas ela não se dava conta de que a dor e a saudade seriam suas companheiras dali por diante. Isso tudo somente terminaria quando pudesse renunciar e perdoar.

1"O fardo parece mais leve quando olhamos para o alto, do que quando curvamos a fronte para a terra" - O Evangelho Segundo o Espiritismo - (Cap. IX - 7).

Recordações de Cristine

Eram os mesmos olhos infinitamente expressivos a fitá-la antes de sair, batendo a porta atrás de si. Como o amava! Não podia compreender tamanha afeição. Por ele tudo faria, daria sua vida se preciso fosse por seu amor. Perdida em aflições, deixava-se envolver por vibrações tormentosas. O peito se oprimia com a aproximação do Espírito cujas emanções escurecidas determinavam-lhe as intenções perturbadoras. Cristine acolhia a interferência em seus pensamentos sem resistência alguma. Imediatamente se pôs a recordar. As lembranças começaram a desfilar em sua memória. O dia em que conheceu Julian, tão gentil e educado, galante e lisonjeiro, despertando-lhe o amor cego e incontido. (2)

Depois da morte de seus pais, tudo ficou tão claro... Aturdida, Cristine percebeu as verdadeiras intenções do marido por trás de suas carícias e beijos. Assistiu à decadência moral e financeira de seu matrimônio sob mil pretextos absurdos por parte daquele que, apesar de tudo, tanto amava. Consumiu-lhe os bens pouco a pouco.

Julian envolveu-se mais e mais em noitadas, jogos, farras e mulheres. As situações sórdidas das quais participou o colocaram, frequentemente, em perigo eminente, e não foram raras as vezes em que foi preciso que se ausentasse da cidade, em fuga no meio da noite, levando a esposa assustada para lugares distantes e convivência com desconhecidos, ou então deixando-a temerosa por represálias em consequência às trapaças do marido leviano. As propriedades foram sendo, uma a uma, perdidas nas mesas de azar. Mudaram-se várias vezes, já não moravam na mesma cidade onde Cristine nasceu e cresceu cercada de todo o conforto e carinho que seus pais sempre lhe ofereceram.

2 "(...) quantos não há que creem amar perdidamente, porque não julgam senão sobre as aparências, e quando são obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que isso não é senão uma admiração material." (O Livro dos Espíritos - 939).

Enquanto pensava em tudo que lhe acontecera, estremeceu, constatando a situação delicada em que se achava. Haviam chegado ali há pouco. Era uma grande cidade movimentada e próspera. Não conhecia ninguém e não teria a quem recorrer, caso necessitasse. Aflita, constatava a despensa vazia e a total falta de recursos, como se pressentisse o pior. (3)

A entidade sinistra parecia divertir-se com o desespero que causava em sua vítima, e ganhar novo ânimo para continuar conduzindo-lhe os pensamentos.

Olhando ao redor, Cristine sentia despertarem as mais distantes lembranças: a bela casa onde nascera, a grande sala, a lareira, os criados elegantemente trajados, e a saudade apertou-lhe o peito. Recordou-se da enorme escada e dos cômodos espaçosos, mobiliados com esmero. Parecia ver sua mãe a sorrir-lhe, entrando em seus aposentos de menina a beijar-lhe pela manhã. Lembrou-se do pai a contar-lhe histórias de reis e rainhas, palácios e fadas, chamando-a de "princesa".

Toda a felicidade de outrora desaparecera por completo e em seu lugar, a desilusão amarga. Mal podia acreditar, olhando ao redor, que deixara para trás tanto conforto e carinho para agora estar ali, vivendo naquele cômodo apertado, quase um porão, numa rua de subúrbio, numa cidade estranha, cercada por desconhecidos. Julian se ausentava na maior parte do tempo, deixando-a entregue às lembranças e desilusões, incertezas e medos.

Perderam-se todas as posses e as jóias foram-se uma a uma. Jóias de família, trazidas por seu pai ao casar-se com Evelyn, sua doce e delicada mãe, que apesar de não possuir a mesma descendência nobre, soube fazer jus à posição assumida em consequência ao matrimônio.

3 "O homem não possui como seu se não aquilo que pode levar deste mundo". -O Evangelho Segundo o Espiritismo - Cap. XVI - 9).

Havia muita discrição em torno do assunto, como se fosse proibido mencionar a origem humilde de Evelyn e a reprovação inerente a tal união por parte da nobre família paterna. Cristine jamais soubera da existência de seus parentes.

Seu pai era bem mais velho que sua mãe. Unira-se a ela por amor, após longa viuvez decorrente do primeiro matrimônio com jovem da mesma estirpe. Não tiveram filhos. A primeira esposa de seu pai adoeceu gravemente, vindo a falecer alguns anos após o casamento.

Foram tempos difíceis, onde o nobre e gentil Warren T. mal pôde suportar o triste destino da jovem esposa. Desiludido, após a sua morte esteve por longos anos afastado do convívio social, em propriedade da família, próxima às montanhas. Entregue às cismas e pensamentos sombrios, não percebeu a juventude afastar-se, e quando já não esperava colher mais nenhuma alegria da vida, eis que conheceu Evelyn, moça simples, mas que soube cativar-lhe o coração.

Apesar da diferença de idade, surgiu entre ambos um doce e respeitoso sentimento e dessa união serena nasceu Cristine.

Emocionada com todas as lembranças, deixou que lágrimas abundantes lavassem o semblante preocupado, enquanto o passado saudoso misturava-se às decepções do presente e às incertezas do futuro. O que seria dela? Nos últimos tempos, notava o marido cada vez mais distante. Seus olhos eram os mesmos, mas o olhar tornara-se reticente...

Cristine entregara-lhe todas as joias, até o último anel. Agora, a despensa vazia, a falta total de recursos e o frio lá fora a penetrar por entre as frestas não traziam bons presságios(4).

Satisfeito, o espectro afastou-se com um sorriso irônico pelas lágrimas de angústia da pobre mulher. Fitou-a longamente, enquanto pensava no quanto ainda a faria sofrer. Desejava que Cristine pagasse caro por tudo que lhe fizera no passado, quando fora a causadora de sua desdita.

4 *"Qual das duas provas é a mais terrível para o homem, a da miséria ou da fortuna? Tanto uma quanto outra o são. A miséria provoca o murmúrio contra a Providência, e a riqueza leva a todos os excessos." O Livro dos Espíritos - 815 - "(...) Deus experimenta o pobre pela resignação, e o rico pelo uso que faz dos seus bens e do seu poder." [O Livro dos Espíritos - 816 - comentários de Kardec).*

Voltando no tempo

Século XV, Inglaterra.

O conde Wallace T. era o último descendente de nobre família que sobrevivera aos incautos reveses do destino. Conservara boa parte do patrimônio e do poder, impondo submissão e respeito devidos.

No ano de 1439, unira-se pelo matrimônio à jovem Gleyd H. Logo vieram os filhos, que passariam a levar adiante o nome, a nobreza e a tradição dos T., Warren e Dalton.

Cresceram os dois meninos entre os agrados maternos e a austeridade do pai. Receberam educação condizente aos nobres de então, onde se esbanjava arrogância e altivez, decorrentes da posição imponente que ocupavam perante os servos submissos e a sociedade em geral.

Warren, apenas dois anos mais velho, introspectivo, sonhador e romântico, era bem diferente de Dalton que, expansivo e autoritário, não se deixava impressionar por nada. Apesar disso, os dois irmãos cresceram em perfeita harmonia, respeitando-se e nutrindo, cada qual a sua maneira, um profundo carinho recíproco. O futuro, no entanto, lhes reservara intempéries onde o sentimento que os unia seria colocado à prova.

Casaram-se ambos, cada qual a seu tempo e com jovens igualmente de ascendência nobre. Embora os arranjos matrimoniais visassem apenas e principalmente os interesses das famílias, Warren muito apreciou a escolha que lhe fora feita. A jovem pretendente soube cativar-lhe os mais nobres sentimentos e, entre ambos, o amor desabrochou absoluto, trazendo ao temperamento sensível do filho mais velho do conde de T. o entusiasmo pela vida, jamais experimentado antes.

O matrimônio trouxe a Warren e Nancy toda a felicidade que poderiam ter sonhado um dia. Ambos procuravam sempre poder estar juntos, num colóquio enternecido pelos olhares cúmplices daqueles que se amam.

Dalton, ao contrário, pouco se interessou pela jovem com quem se casou. Passou a partir do matrimônio a interessar-se por assuntos políticos e, através da influência nobre, empreender seus esforços em ampliar os bens, a riqueza e o poder.

Cada qual, a sua maneira, vivia a sua vida e, por alguns anos, tudo parecia seguir a ordem natural que deveria ser seguida.

A felicidade de Warren e Nancy, no entanto, pouco durou. As mãos do destino levaram a esposa amada para além dos horizontes da vida, trazendo luto e pesar ao coração do companheiro. Ardendo em febre e tendo entre as suas as mãos do marido, suspirou pela última vez, levando consigo toda a vontade de viver daquele coração cativo.

Era o ano de 1463 e o filho mais velho do conde Wallace T. recolheu-se, em pesado luto, numa das propriedades nos campos, tendo lá permanecido por muitos anos. Mais nada, nem ninguém, pôde dissuadi-lo do desalento e da tristeza que o envolveram desde que a esposa amada se foi. Alheio a tudo, esperava pela própria morte, na esperança de reencontrar Nancy junto ao portal da vida, a esperá-lo com os braços abertos e o lindo sorriso, jamais esquecido. (5)

Longos e pesarosos anos passaram-se para Warren T., cujo semblante austero, pela dor e saudade, o transformou noutra pessoa. Tornara-se desiludido, solitário e taciturno. Fugia ao convívio social e apenas dirigia-se à casa dos pais em ocasiões excepcionalmente necessárias. Após 20 longos anos, deixara a juventude esquecida naqueles dias céleres em que a felicidade fugaz lhe escapara.

A morte de sua mãe foi sentida com melancolia, somando-se às tristezas e desilusões que carregava nalma sensível.

Nesse tempo todo, vira Dalton umas poucas vezes e, sem muito interesse pela vida do irmão, soubera do sobrinho, nascido logo após a morte de Nancy. Nunca chegou a conhecer o menino, que recebeu o nome do bisavô paterno, Irving T.

Com a morte de seu pai, coube-lhe a sucessão por direito, mas pouco entusiasmado, Warren deixou tudo nas mãos do irmão. Inerte, permanecia alheio, confinado ao passado onde sombras e alegrias misturavam-se, enquanto a vida se consumia sem esperanças.

5 "A perda de entes queridos não nos causa um sofrimento tanto mais legítimo quanto é ela irreparável e independente da nossa vontade? -Essa causa de sofrimento atinge tanto o rico como o pobre; é uma prova ou expiação e lei para todos." (O Livro dos Espíritos - 934).

As manhãs de primavera, floridas e perfumadas, lhe traziam doces recordações de Nancy, e Warren costumava cavalgar solitário, sentindo a brisa suave a cortejá-lo pelo caminho, como se quisesse roubar-lhe as tristezas em vão. Os passeios eram longos e não se restringiam às suas propriedades. Frequentemente, atravessava as divisas em direção ao pequeno povoado nos arredores. Nessas ocasiões, ainda que rapidamente, observava os moradores humildes na lida, as mulheres cercadas por crianças, alguns velhos cabisbaixos e, vez ou outra, um casal ao longo do caminho. Costumava indagar a si mesmo para onde iriam, sobre o que falavam, o que estariam pensando... Daria tudo para poder estar ali, ao lado daquela gente simples com sua Nancy, como se, em troca de seus títulos de nobreza, poder e ouro, pudesse resgatar a vida da amada.

Certo dia, numa de suas cavalgadas, encontrou pequeno cortejo fúnebre. Chocou-se com a inesperada visão, como se fosse uma miragem aterradora cravando-lhe garras abomináveis no coração esmorecido. Quis afastar-se, mas sentia-se inexplicavelmente atraído pelo séquito. Olhava para a comitiva, notando os seus semblantes endurecidos, todos silenciosos caminhando a passos rápidos. Respeitoso, permaneceu observando o funeral a distância, retirando-se discreto a seguir.

A partir daquele dia, em seus passeios habituais, voltava sempre ao mesmo local onde assistira, de longe, ao sepultamento. Quem teria sido enterrado ali? Perguntava-se intrigado, recordando aquelas pessoas entristecidas e caladas que acompanharam o funeral. Teria deixado alguém como ele mesmo ficara quando Nancy partiu?

Warren sentia ali, naquele lugar, algo solidário à sua dor, como se o destino o vinculasse àquela morte. Mesmo sem compreender a razão, acabava retornando, e sem que se apercebesse, era a primeira vez naqueles 20 anos que se interessava por algo que não fosse Nancy.

Fazia-lhe um certo bem pensar em outras pessoas, em outra realidade que não fosse a sua. E por um capricho do destino, foi exatamente ali, naquele humilde cemitério, lembrança viva da perda da querida esposa, que o senhor T. conseguiu sepultá-la finalmente em seu coração e desejou continuar buscando, ainda uma vez, por sua felicidade.

Num de seus passeios habituais, ao aproximar-se do cemitério, percebeu a presença de alguém. Um vulto apenas, que ao longe mal se distinguia. Hesitou em aproximar-se, mas algo o impedia de afastar-se. Além do mais, talvez essa fosse a oportunidade de saber sobre o falecimento que tanto o intrigara. Encheu-se de coragem e tomou o caminho, pensando em como abordar o desconhecido. A certa distância, desmontou do cavalo e aproximou-se respeitoso. A cada passo, olhar fixo naquela sepultura, tentava identificar a pessoa que, abaixada, em prece ou em pranto, não notara a sua presença até então. Já muito perto, sem ter como voltar atrás, espantou-se com os olhos que o fitaram assustados. Eram olhos castanho-esverdeados, tão claros, emoldurados por um lindo rosto de mulher!

A moça levantou-se rapidamente, cobrindo quase totalmente o rosto com o manto negro que envolvia todo o corpo frágil e esguio. Permaneceu calada diante do senhor que a observava seriamente. Constrangida, ensaiou alguns passos para afastar-se. Warren a interpelou ansioso:

— Quem era o falecido?

— Durval B. Por que queres saber? O conhecias? - perguntou a jovem intrigada.

— Não o conhecia. Assisti ao cortejo fúnebre e interessei-me por saber quem era... - respondeu Warren reticente.

— Incomum a um nobre interessar-se por um sapateiro morto - tornou um tanto desconfiada.

— Era sapateiro? Ah, eu não sabia - disse o senhor desapontado com a rispidez da moça.

Fitou-a demoradamente e percebeu que estava trêmula, olhos muito abertos e, de certa forma, lhe pareceu aflita. Pensou que talvez aquela situação incomum, como ela mesma definiu, a estivesse perturbando mais do que se pudesse ter imaginado. Tentou desculpar-se:

— Peço que aceites meus pesares. Vou retirar-me como convém, pois não tenho a intenção de molestá-la, senhora.

Desconcertada por tê-lo julgado mal, a jovem, modificando o tom de voz, prosseguiu:

— Era meu pai. Homem bom e honesto, apesar de não passar de sapateiro. Tínhamos apenas um ao outro. Grata pelo interesse.

Warren ouviu calado e permaneceu respeitoso enquanto a jovem afastava-se apressada. Não lhe dissera seu nome. Sabia apenas que era a filha do sapateiro e que não tinha mais ninguém no mundo. Estaria passando por privações após a morte do pai? Nunca havia sequer imaginado como seria a vida daquela gente. Jamais se sentira privado de nada e tampouco se preocupara com o resto do mundo. De repente, percebeu que passou aqueles anos todos pensando em sua Nancy, como se também houvesse morrido. E, de certa forma, morreria também no mesmo instante em que a esposa fechou os olhos para sempre.

Parado diante da sepultura do sapateiro, sentindo a brisa morna do verão, Warren parecia despertar de longo e tenebroso pesadelo onde a solidão quase o enlouquecera. Montou seu cavalo e tomou o caminho de volta, pensando em tudo que lhe acontecera desde seu encontro com o cortejo fúnebre.

Nos dias que se seguiram, Warren, por mais que se esforçasse, não conseguia parar de pensar naquela jovem de olhos tão lindos. Sentia-se envolvido por aquele olhar, a ponto de querer encontrar-se novamente com a filha do sapateiro. Apesar de tudo, não se sentia encorajado a voltar ao cemitério ou mesmo a procurá-la no vilarejo. Era como se estivesse traindo sua Nancy, depois de todos aqueles anos de fidelidade extrema.

Travou-se no íntimo do filho mais velho do conde Wallace T. enorme conflito. Foram 20 anos de reclusão interior, de renúncia e abdicação de si mesmo. Não podia crer que agora, sem mais nem menos, uma jovem de origem humilde viesse tirá-lo dessa introspecção.

Permaneceu ansioso, aflito, culpando-se e cobrando de si mesmo o que já seria impossível. Fora libertado do luto por aquele olhar da jovem desconhecida e seu coração agora pulsava por uma nova vida, pela felicidade que, percebeu, ainda poderia sorrir-lhe. Não a mesma felicidade de outrora, quando a flor da juventude lhe perfumava os caminhos, mas a felicidade serena e plena que um novo amor poderia lhe trazer.

Conforme constatava os novos sentimentos que lhe enchiam o peito, Warren sofria por não poder contê-los, na incerteza de que seria correspondido pela jovem por quem se enamorara. Esperava que ela sentisse o mesmo e o desejasse assim como ele a queria. Não saberia contentar-se em tê-la a seu lado apenas por conformidade, devido às regalias que sua posição poderia proporcionar-lhe.

Depois de muito relutar, resolveu procurar pela jovem no vilarejo.

Não foi difícil saber seu nome e onde encontrá-la. Evelyn o recebeu surpresa. Warren se explicou dizendo muito ter apreciado seus modos e confidenciou-lhe a viuvez dolorosa. Ofereceu-lhe ajuda para superar a ausência paterna sem que fosse necessário passar por privações e sacrifícios. Desconfiada, ela ouviu-o cuidadosa. Temerosa, aceitou o auxílio, hesitante. Algo, no entanto a levava a confiar naquele distinto senhor.

Assim, nasceu entre eles um sentimento gratificante para ambos. Proporcionava-lhes o aconchego caloroso, a companhia fiel, o colorido dos dias, o desejo de sorrir, o sentir-se vivo, o amor, enfim.

Certo de que queria recomeçar a vida ao lado de Evelyn, Warren escreveu longa carta a Dalton, contando-lhe sobre o casamento e o convidando, pois sua presença seria motivo de grande alegria.

Pretendia ainda aproveitar o ensejo para conhecer o sobrinho que estaria então com 17 anos. Sem prever a reação do irmão, Warren enviou a carta e aguardava resposta, enquanto prosseguia com os preparativos ao casamento. Haveria de ser uma cerimônia simples sem, no entanto, deixar que faltasse a comemoração devida para data tão especial.

Contrariando suas expectativas, Dalton respondeu sua carta com longa missiva, constrangedora, onde desaprovava por completo a união com Evelyn, devido às suas origens. Exigia-lhe o imediato rompimento com a noiva e sua mudança junto à família, onde seriam tomadas todas as providências para que se unisse, em segundo matrimônio, com uma pretendente à altura.

Atônito, Warren mal podia crer que partiam de Dalton aquelas palavras. Estivera afastado do irmão por longos anos. O que ocorreu nesse tempo para que se transformasse daquela forma? Que direitos haveria de ter em querer dirigir-lhe

a vida? Sem atinar em nada que lhe respondesse tantas indagações, decidiu procurá-lo. Assim sendo, partiu ao encontro do que havia restado de sua família, na esperança de que algum mal-entendido houvesse interferido na decisão tomada pelo segundo filho do conde Wallace T.

Evelyn permaneceu à sua espera, temerosa de que todos os planos que fizera junto ao noivo não passassem de castelos de areia, frágeis e fugidios. Apesar das diferenças entre ambos, o sentimento que os unia era autêntico e sincero. O caráter correto e ímpoluto da jovem estava acima de qualquer dúvida, Warren tinha certeza.

O confronto entre os dois irmãos foi inevitável. Enquanto Dalton, arrogante e impositivo, exigia do irmão uma conduta coerente à nobreza a que pertenciam, Warren dizia de uma outra nobreza: a de sentimentos puros e paz no coração pleno de felicidade. Não falavam a mesma língua e por mais que argumentassem, um não poderia entender ou aceitar a opinião do outro. Além do mais, o irmão mais moço nunca encontrara o amor verdadeiro, e talvez por isso tornara-se assim tão endurecido e intransigente. Pensava em como Warren, por duas vezes, pudera ter sido premiado com o presente a ele negado pela vida e por duas vezes ter sido correspondido. Negava-se a aceitar como verdadeiro o sentimento que jamais conheceu.

O inevitável aconteceu. Como a Dalton coubera a administração dos bens herdados pelos irmãos, com a aquiescência do próprio Warren, colocou-se em posição de inquisidor. Delegou ao irmão mais velho algumas poucas propriedades e a quinta parte do dinheiro e joias que lhe caberiam por direito. Não pôde, no entanto, tirar-lhe o título de nobreza que lhe era devido como filho primogênito.

Romperam relações os irmãos T. Dalton enriquecido e Warren com o título de conde deixado por seu pai. A ganância de um ao lado da nobreza do outro.

Sem deixar-se abater, o conde Warren T. casou-se com Evelyn S., deixando a propriedade em que vivera nos últimos vinte anos. Mudaram-se para distante e aprazível cidade. Era o ano de 1484.

Iniciou-se para ambos uma nova etapa de suas vidas, com os corações cheios de esperança. Em local bastante agradável, construíram o ninho de amor em elegante e espaçosa casa, de construção sóbria e beleza singular, adquirida pelo conde Warren T.

Levaram consigo alguns criados de confiança e a certeza de que seriam muito felizes, sem maiores preocupações. A divisão dos bens, embora arbitrária, não os privaria de segurança, sem extravagâncias. Habituada a vida humilde e escassez de recursos, Evelyn saberia valorizar cada detalhe dali por diante, sentindo-se a mais rica e venturosa criatura.

Com o passar do tempo

Enlevados pelo sentimento que os unia, Warren e Evelyn viveram dias venturosos. E para completar ainda mais a felicidade, Deus lhes agraciou com uma filhinha, Cristine, com quem passaram a compartilhar o amor que transbordava em seus corações enternecidos.

Tamanha felicidade fez com que o senhor T. se recordasse de seu irmão. Gostaria de poder compartilhar aquele momento venturoso com Dalton e, com a mais nobre das intenções, escreveu longa carta onde narrou o rumo tomado após o rompimento entre ambos e os principais acontecimentos desde então, destacando a retidão do caráter da esposa e o nascimento da filhinha. Esperançoso de que pudesse reatar relações com o único irmão, remeteu a carta. Não obteve resposta.

Cristine cresceu cercada pelo carinho e amparo dos pais, que se desdobravam em mimos e agrados. Recebeu a educação esmerada a que a filha de um conde faz jus, sem que tivesse, no entanto, conhecimento da existência do restante da família.

Os anos passaram-se tranquilos, venturosos, para aquelas pessoas que souberam colocar o amor como prioridade em suas vidas. A doce e terna Evelyn encheu de encanto a vida de Warren que, nem por um instante sequer, arrependeu-se por ter rompido com o irmão em nome daquela união.

Cristine tornou-se uma bela mocinha, embora séria demais. De estatura baixa, corpo delgado e delicado, olhar atento e indagador. Mãos miúdas e delicadas e a linda voz que entoava cantigas ensinadas por sua mãe. Eram canções que falavam do passado em terras distantes e costumes que haviam ficado para trás com tudo o mais, desde o dia em que unira seu destino ao do senhor T.

Não herdara da mãe a doçura e delicadeza, nem do pai a calma e altivez. Era meiga, recatada, é verdade, mas apresentava uma certa obstinação e orgulho, que a faziam muito diferente. Jamais deixou de respeitá-los, nem tampouco de retribuir o amor incondicional que sempre recebera. Porém, em seu íntimo, não se deixava conduzir pelos conselhos e orientações que recebia. Tinha de Warren os cabelos e olhos escuros, de Evelyn a pele clara e aveludada, porém o olhar enigmático evidenciava a atribulação que lhe ia n'alma, inexplicavelmente.

A seu lado, a sombra do inimigo denunciava o passado culposo. A entidade envolta em revolta e ódio a acompanhava, esperando pacientemente o momento oportuno ao assédio doentio. Mais cedo ou mais tarde a enredaria na mesma dor e sofrimento que lhe causara no passado.

Warren preocupava-se com o futuro de Evelyn e Cristine, no caso de vir a faltar. Procurou certificar-se muitas vezes de que estariam bem, recomendando outras tantas vezes à esposa as providências que deveria tomar quando ele se fosse. A diferença de idade o fazia crer que partiria muito antes, e sofria em pensar que não estaria ao lado da esposa e filha para protegê-las por muito mais tempo. Nos seus 64 anos, apesar de sentir-se bem disposto e gozar de boa saúde, gostaria de poder ver Cristine bem casada, contando com o apoio e confiança do genro, que certamente seria o amparo de ambas.

Cristine, então com 16 anos, ainda não havia se interessado por nenhum dos rapazes que lhe foram sugeridos por seus pais para marido. Contrariando os costumes da época, nem Warren ou Evelyn quiseram impor à filha uma união, que não fosse de seu agrado, e esperavam que ela mesma se decidisse por quem elegeisse seu coração. Gostariam que a vida em comum trouxesse a mesma ventura para Cristine que eles receberam um dia.

Esse dia não tardou a chegar. Convidados por pessoas respeitadas, a família T. compareceu, levando consigo a filha. Foi quando Julian M. foi-lhes apresentado como sobrinho do lorde Harold S., conhecido e respeitado nobre. Elegantemente trajado, gentil e galante, esse senhor tocou fundo o coração da jovem filha do conde T.

Ao primeiro olhar, sentiu brotar a paixão e, numa explosão de sentimentos novos, elegeu-o por pretendente à sua mão.

Julian M., nos seus 30 anos, dono de desenvoltura e elegância singulares, olhar expressivo e cativante, sorriso meigo, porte altivo, era insinuante e delicado com as mulheres. Perspicaz, logo percebeu os olhares discretos da bela mocinha e os retribuiu, cordato. Não foi difícil estabelecer conversação com o conde e se inteirar sobre a vida daquela família. Bastante satisfeito, mostrou-se interessado em cortejar Cristine T.

Tudo parecia transcorrer naturalmente. Cristine, apaixonada, esperava impaciente pela aprovação dos pais.

O encontro dessas almas, no entanto, muita atribulação causava ao obsessor, que entre lembranças aflitivas, ódio e rancor, acompanhava os acontecimentos. As mais tristes recordações se acenderam, amargurando cada minuto, sem tréguas. O pescoço apertado e a respiração difícil, testemunhas constantes do trágico fim, denunciavam o ato criminoso que o desespero o levava a cometer contra a própria vida. Covardemente, buscou no passado o termo à traição e desonra que o reduziram a verme infame. Grande ilusão! Nada terminou; ao contrário, ganhou proporções fantásticas, alucinantes, onde a dor e o desespero aumentaram amplamente.

A revolta, tão grande diante de tudo, o fez acolher com obstinação o desejo insano de vingança. Ganhou novas forças, ânimos redobrados, na medida em que alimentou esse desejo. Passou, então, a perseguir sem tréguas a infeliz causadora de sua desdita para fazê-la experimentar todos os tormentos que o consumiram.

Cristine, embora momentaneamente amparada pelos pais, devido à moral elevada e nobreza de sentimentos, atraía para si o espectro odiando. Seu passado culposo a denunciava e cumpria-se o inevitável confronto entre ambos. E agora, Julian ressurgia das cinzas do passado, mais forte do que nunca. Contrariado, Caliel assistia, mais uma vez, o destino conspirar contra ele.

Enquanto acompanhava todo o entusiasmo da jovem apaixonada, sentia-se transportado para terras distantes, em época remota, onde Glenda lhe surgia linda, os cabelos dourados soltos, esvoaçantes, a pele alva, faces rosadas, e os dois, felizes enamorados, corriam pelos campos, feito pássaros livres em busca da brisa suave os embalando ao pôr-do-sol.

Lágrimas ardentes rolavam pelas faces maceradas de dor, e o espectro parecia ainda sentir o corpo frágil da jovem no abraço terno, antes que seus lábios se unissem, selando a paixão que os atraía na inocência do primeiro amor.

Gemidos de dor, incontidos, lhe escapavam ante as reminiscências dolorosas:

— Maldita, traidora, víbora! Hás de pagar caro! Entreguei-te meu coração, Minh 'alma, minha vida e tripudiastes sobre meu amor...

O passado, no entanto, continuava desfilando na tela mental, torturando-lhe o Espírito em chagas.

Visualizou a casinha simples que os acolheu como marido e mulher. Sentiu o coração bater mais forte ante a imagem do ninho de amor que com tanto carinho ergueu, com suas próprias mãos, para a mulher amada. Lembrou-se dos filhinhos que foram chegando para coroar a união que os céus abençoavam. Os olhos de Glenda, tão lindos, seu rosto, seus lábios, sua pele... Era como se estivesse de volta ao passado, revivendo toda a ventura daqueles longínquos dias. De repente, grande pesar abateu-se sobre todos naquelas terras onde a labuta era árdua, mas compensadora. Com a morte do senhor, o duque Edgard L., os vassallos, em unísono, baixaram os olhos e choraram a partida daquele que os respeitara e amparara. Seu filho, Kevin L., que o sucedeu por direito, passou a exercer sua autoridade arbitrária e espalhar o descontentamento e a revolta. Sem preocupar-se com o bem-estar daqueles que o serviam, governou com egoísmo e descaso. Extremamente orgulhoso e fútil, espalhou a desventura nas vidas daqueles a quem Deus colocara para que, a exemplo de seu pai, protegesse e amparasse. Glenda, então, a bela e sonhadora esposa, levemente deixou-se seduzir pelo senhor. Não podendo suportar tal golpe desferido contra seu coração apaixonado e, desmoralizado, Caliel suicidou-se. Desde então, não conseguiu esquecer os tormentos que, como fantasmas, o perseguiram. Não lhe restara nenhuma esperança, apenas a dor o arrastava, sem tréguas nem limites, à vingança, à desforra, ao revide.

Não suportaria vê-los juntos novamente! Mas o destino parecia promover esse reencontro e, mergulhado nas sombras do ódio, aquele que no passado tanto a amou, agora, ardilosamente, tramava a desgraça de Cristine. Nada o demoveria de seu intento. Julian poderia ser-lhe presa fácil, devido aos desvios de conduta e falta de caráter. Gradativamente passaria a envolvê-lo e influenciá-lo sistematicamente, interferindo em seus desejos, pensamentos, anseios e prazeres. Cristine seria, então, atingida através do antigo amante e ninguém, nem mesmo seus pais, poderia protegê-la por mais tempo. Ainda que contrariado com o reencontro de ambos, o algoz procurava concentrar todas as suas forças no aniquilamento da felicidade daquele casal que traçara outrora seus ásperos caminhos, semeando espinhos nos corações amigos que lhes compartilharam a experiência carnal.

O conde Warren sentia-se intimamente incomodado sem que soubesse definir o motivo. Dividiu com Evelyn suas preocupações e ambos decidiram observar atentamente aquele rapaz, pretendente à mão da filha querida, antes que qualquer compromisso fosse firmado. Cristine, ao contrário, não cabia em si de contentamento. Era como se já conhecesse Julian e estivesse à sua espera para poder oferecer-lhe seus mais preciosos sentimentos, para poder entregar-se de corpo e alma. Sem receio algum nem anseio qualquer, esperava pela aprovação dos pais ao candidato eleito por seu coração.

Evelyn e Warren lhe alertaram quanto à gravidade do assunto e a necessidade de estarem certos sobre a retidão do caráter de Julian. Falaram-lhe com ponderação, aconselhando-a a ter calma, porém Cristine assumia atitude contrária. Habituada a ter todos os seus caprichos satisfeitos, não se mostrava propensa ao bom senso e à razão. A juvenzinha trazia, ainda, no peito, a impaciência e imprudência que, em tantas outras existências a fizeram sucumbir. Precipitava-se uma vez mais diante daquela alma, já sua conhecida, a qual insistia em possuir com urgência e egoísmo doentios. Nem ela mesma saberia definir a razão de tamanha obstinação perante o sentimento que a dominaria ainda por muito tempo, conduzindo-a pelos erros, crimes e sofrimento, até que pudesse discernir com maior clareza e fazer as escolhas mais acertadas. Mas naquele momento lhe seria impossível refrear os impulsos prementes. Os argumentos de seus pais lhe pareciam irrelevantes diante das emoções tão intensas.

Preferiu ouvir a voz do coração e lançar mão de artimanhas que facilitassem seu intento o quanto antes.

Em seu auxílio, o desconhecimento de qualquer evidência que desabonasse a conduta de Julian endossava os desejos incontidos. Seus pais aquiesceram e o compromisso foi firmado. O próprio lorde Harold S. compareceu ao noivado, que aconteceu em seguida, numa cerimônia íntima, e o casamento foi marcado.

Atendendo ao pedido de Warren, Julian e Cristine permaneceriam morando ali, na mesma casa onde a moça nascera, após o matrimônio.

No entanto, por mais que as evidências demonstrassem a retidão de caráter do futuro genro, o senhor T. ainda guardava certa prevenção. Seu coração de pai amoroso lhe alertava sobre algo que a razão não podia compreender. E longe de conhecer toda a verdade, não havia nada que pudesse fazer, atendendo aos palpites que o advertiam.

Harold S., o influente nobre, respeitado e temido, na verdade ocultava por trás do prestígio e poder, grandes fraquezas morais. Beberrão e afeito à esbórnica, esteve em determinada ocasião envolvido numa situação bastante delicada, onde certamente seria desmoralizado e ridicularizado perante a corte, se não fosse a intervenção de

Julian. Ambos puderam desarticular as evidências e reverter em favor do nobre a situação. Como que num pacto selado entre ambos, o lorde Harold passou a empenhar o próprio nome em favor do comparsa. Julian, que procedia de família humilde e sem qualquer influência da qual pudesse tirar proveito, passou a utilizar-se do prestígio do nobre para se infiltrar entre as camadas sociais mais prestigiadas. Foi desta forma que conheceu os T. e decidiu-se pelo matrimônio com a filha do conde. Pareceu-lhe o bastante, além de que se encantara com a jovem de olhar indagador e modos contidos.

Cristine exultava de contentamento. Jamais imaginou poder viver dias tão felizes. Era como se vivesse um lindo conto de fadas onde a magia do amor a tocava, envolvendo-a por completo num êxtase absoluto. Enquanto se aproximava o dia do casamento e os preparativos eram a maior preocupação de todos naquela casa, a mocinha parecia caminhar sobre nuvens, ouvindo apenas o doce roçar das asas dos anjos. Permaneceu embevecida, distante, absorta, a espera do momento em que se uniria para sempre ao seu grande amor. Deixou-se envolver pelo arrebatamento da paixão e viveu cada segundo de expectativa como a sorver o mais delicioso mel, até que se consumou a união matrimonial.

Bênçãos, cumprimentos, brindes e toda uma série de formalidades foram cumpridos com esmero pelos noivos. Para Cristine, tudo parecia contribuir para tornar o momento ainda mais especial. Linda em seu vestido de noiva, ao lado de Julian, agora seu marido, elegante e lisonjeiro, realizava o grande anseio nessa união tão esperada por seu Espírito imortal. Nem um ou outro poderia ter a consciência da importância de tal momento. Em seus corações, no entanto, podiam sentir o pulsar da aliança sublime, do pacto divino, onde cada qual deveria desempenhar seu papel de companheiro fiel e solidário naquela pequena etapa de suas vidas, buscando o resgate das faltas graves cometidas contra as Leis Divinas.

Caliel os acompanhava como sombra agourenta, carregando no peito atormentado as mágoas e aflições. Apesar do ressentimento, esperava pacientemente o momento para intervir.

Findo o cerimonial, Julian tomou as mãos de Cristine e as beijou com ternura. Subiram as escadas em silêncio, dirigindo-se aos aposentos que lhes haviam sido preparados. Tudo arrumado com esmero. Não mais o quarto de menina.

Julian aproximou-se e seus olhos fitaram-na profundamente. Soltou-lhe os cabelos e os acariciou com delicadeza, enquanto a jovem esposa se deixava envolver pelo doce convite do desejo, que brotava aos poucos, tomando o lugar dos anseios que atormentavam seu coração. Sentiu os lábios do amado tocarem os seus com tanta ternura, o abraço caloroso, as carícias... Sua alma há muito cativa esperava o momento em que seriam apenas um. Romântica e sonhadora, deixava de ser ela mesma para viver dali por diante em função apenas daquela paixão.

Julian acreditava ter iniciado uma nova vida, onde as aventuras de solteiro haviam ficado para trás, no passado. Deixava-se fascinar pela formosura da esposa e o frescor de sua juventude o contagiava, fazendo com que também se sentisse puro e exuberante, diante daquele amor que ela lhe oferecia sem anseios ou temores.

O tempo transcorreu agradável, ameno. Cristine acordava a cada nova manhã mais e mais feliz, sentindo-se plena. Julian, que fora recebido como filho pelos sogros, vivia na mais perfeita harmonia, com todo o conforto e segurança antes por ele desconhecidos. Chegava, às vezes, a sentir remorsos por não ter sido totalmente sincero quanto ao seu passado, mas desculpava-se pensando que dali por diante tudo faria por merecer a confiança nele depositada pelos pais de Cristine.

Poucos anos após o casamento da filha, Warren adoeceu gravemente e partiu, sem realizar o último desejo: embalar o neto e oferecer-lhe o amparo de avô afetuoso. O neto que demorava a chegar, mas que certamente haveria de vir, com a graça de Deus.

No derradeiro instante, Evelyn fechou os olhos do companheiro amado e vestiu-se de pesado luto que não mais deixou. Muito sentiu sua ausência e passou apenas a interessar-se pela filha, sem a qual nenhum motivo teria mais para viver.

Após a morte do conde, algo se modificava sem que Cristine ou Evelyn percebessem de imediato. Julian passara a ausentar-se com mais frequência. Cuidadoso, no entanto, tratava de não causar nenhum alarde que pudesse vir a comprometê-lo perante a família. Cristine sentia o coração constrangido, percebendo o marido distante e desatento. Culpava-se por ainda não ter engravidado e não ter-lhe dado um filho, acreditando ser esta a causa de sua mudança.

Caliel gradativamente se insinuava nos pensamentos, desejos e anseios daqueles a quem pretendia impiedosamente arruinar. Julian, que acolhia suas sugestões passivamente, entregava-se aos desregramentos e retomava antigos hábitos, seguindo a propensão que lhe era peculiar ao Espírito em desajuste.

Cristine, após a perda do pai, tornara-se vulnerável às investidas do obsessor. Sentia abrir-se no peito um grande abismo devorador da felicidade e da esperança. Deprimia-se enquanto as sombras a envolviam. Vestindo pesado luto, permitia que o ébano do traje se confundisse com seu estado de espírito, num inverno rigoroso de céu acinzentado e ventos congelantes. Trazia na memória os passeios ao lado de Julian pelos campos verdejantes e viçosos, nas belas manhãs primaveris de seu noivado e início da vida em comum. A ventura fugaz lhe escapava juntamente com a presença do querido pai, que tanta falta lhe fazia. Somente agora percebia que toda segurança que sempre sentira provinha daquele nobre e altivo senhor. Envolvida nos próprios pesares, não percebeu que Evelyn definhava dia a dia. Quando se deu conta, a enfermidade avançada já comprometera a saúde da mãezinha que partiu também, deixando-a só com seus medos e incertezas. Cristine chorou a perda de Evelyn, inconformada. Como poderia continuar vivendo sem seu carinho, seu sorriso doce e terno, sem sua compreensão incondicional? Justamente naquele momento, o mais crítico de sua vida... Desamparada, sem a presença dos pais, e Julian afastando-se. Quando interpelado, desculpava-se cortês para dali a pouco escapar-lhe mais uma vez à convivência calorosa que tiveram até então.

Envolvia-se em negócios escusos, adquirindo, não raro, débitos com pessoas inescrupulosas. O risco de cair nas mãos dos credores levou-o a lançar mão da herança deixada pelos sogros. Foram muitas as vezes em que se desfez de propriedades para pagar dívidas. Quando Cristine cientificou-se das falcatruas, pouco lhes restava.

Julian, após os primeiros tempos de casamento, voltava pouco a pouco aos antigos hábitos, envolvendo-se em jogos de azar, iludindo-se em negócios mirabolantes e aventuras de toda espécie.

Quando já não tinha como ocultar a ruína quase total à esposa, continuou a iludi-la com a promessa de vir a recuperar os bens perdidos, em negócio certo, prestes a executar, desde que pudesse levantar certa quantia. Seus argumentos eram convincentes para quem nada conhecia sobre assuntos de tal ordem. Além do mais, astuto, impedia que ela recebesse orientação de quem quer que fosse, afastando-a das pessoas com quem convivera desde a mais tenra idade. Eram amigos queridos que, preocupados com o rumo da situação, procuravam intervir, impedindo que o caos se completasse. Julian os afastava, ríspido e indelicado. Intimidados pelo inescrupuloso senhor, abstinham-se em aguardar o desenrolar dos fatos, esperançosos de que pudessem, de alguma forma, socorrer Cristine.

Julian propôs a venda da casa. A bela casa onde Cristine nascera, crescera e vivera os dias mais felizes de sua vida. A mesma casa que os acolhera como marido e mulher, apaixonados e venturosos num passado não muito distante.

Cristine não poderia consentir, não poderia conceber a ideia de viver em outro lugar. Aquela casa fazia parte de sua vida. Mas o marido a envolvia de tal forma em promessas, e era tão grande seu desejo de acreditar, que cedeu. Longe de tudo e de todos, no entanto, estaria entregue à própria sorte e o tempo iria mostrar-lhe o quanto se deixara iludir, mas seria tarde.

Soubera o quão volúvel era o homem com quem se unira pelos laços sagrados do matrimônio quando estavam totalmente falidos. A decepção amarga foi-lhe a companheira de todas as horas a partir de então. Enquanto o turbilhão de perdas desabava em sua vida, Cristine ia reconhecendo o quão inconstante era o caráter do marido. Culpava-se por ter se deixado envolver, acreditando que as coisas pudessem ainda melhorar. Mas a pior e maior de todas as perdas, a que não podia suportar, era a perda do amor de Julian.

Intrépido, Caliel exultava de contentamento diante da desgraça de Cristine. As portas da miséria e desprezada pelo marido, sem recursos nem expectativas para reverter a situação delicada, pouco faltava para que fosse arrastada ao mesmo fim que o levara a sucumbir ante a vil traição de outrora.

Quanto a Julian, o verdugo dava-se por satisfeito por ora, vendo-o entregue às próprias fraquezas e vícios. Concentrava, a partir de então, sua atenção em Cristine até que a destruísse completamente. Pressentia muito próximo esse dia.

O triste desfecho

Julian empurrou a porta e entrou. Estava visivelmente embriagado. Caminhou em direção a Cristine, tomando-lhe o rosto entre as mãos. Sorriu. Não o sorriso doce e cativante que ela tanto admirava, mas um sorriso sem graça, enquanto repetia-lhe o nome:

— Cristine! Cristine! Cristine! Estamos arruinados, meu amor!

Ela estremeceu, e apesar da aflição, constatou todo o amor que ainda sentia. Queria poder abraçá-lo, beijar-lhe os lábios, falar-lhe de sua angústia, mas permaneceu imóvel e calada, olhando apenas fixamente os lindos olhos do marido. Havia algo de grave naquele momento crítico.

Julian esquivou-se de seu olhar suplicante e começou a juntar algumas roupas e objetos pessoais. O silêncio foi quebrado por palavras tímidas de indignação, que a pobre balbuciava mais para si mesma e que, aos poucos, iam se transformando em súplicas desesperadas:

— O que fazes? Acaso pensas em partir e deixar-me neste estado de abandono e penúria? Não podes... O que seria de mim... Eu te imploro, te suplico... Tenhas piedade... Empenhei tudo o que tinha, todos os bens que herdei, em nome do nosso amor, e agora nada mais resta, a despensa está vazia, por favor...

O torpor do vinho embaralhava os pensamentos de Julian e adormecia-lhe os sentimentos. - "Pobre mulher!", pensava. "Está desesperada, mas o que poderia fazer por ela?" Sentia-se mal diante daquela situação. Quando a conheceu, tão jovem, cheia de vida, filha única de casal abastado, não resistiu aos seus encantos. Não poderia negar que a situação financeira muito o atraiu, mas houve mais que apenas interesse.

Os primeiros anos de vida conjugal o fizeram crer que deixara para trás as mesas de jogo, a bebida e os prazeres nos braços de mulheres vis, mas se enganara. Com o passar do tempo, a rotina da vida em comum o enfastiara, e uma força irresistível o chamava para viver outras aventuras fora do lar. Agora, passados 13 anos de vida em comum, sentia-se impotente diante de tudo. Cristine, nos seus 30 anos, já não era a mocinha que conhecera. Triste e introspectiva, irritava-o com suas maneiras polidas e cobranças. Além do mais, a silhueta um tanto avantajada pouco lembrava o corpo delgado e delicado de outrora.

Alheia aos pensamentos de Julian, Cristine chorava e lhe implorava para não deixá-la. Falava de amor, mas o que é o amor senão algo fugidio e passageiro, uma bobagem, pensava. Como queria que se calasse! De nada adiantava tudo aquilo, nada o faria mudar de ideia. Sentia-se sufocado naquele cômodo miserável, na presença daquela mulher histérica. Antes de sair, fitou-a ainda uma vez:

— Adeus.

Enlouquecida, em pranto, ela sentia todo o peso da dor e da humilhação desabando sobre si e a cabeça parecia rodar. (6)

6 "(...) O homem é infeliz, geralmente, pela importância que liga às coisas deste mundo. A vaidade, a ambição e a cupidez fracassadas o fazem infelizes. Se ele se elevar acima do círculo estreito da vida material, se elevar o seu pensamento ao infinito, que é o seu destino, as vicissitudes da humanidade lhe parecerão mesquinhas e pueris, como as mágoas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo que representava a sua felicidade suprema." (O Livro dos Espíritos- 933 - comentário de Kardec).

Exultante, Caliel tripudiava sobre a desgraça da pobre mulher, incutindo-lhe pensamentos sombrios, desalento e desesperança, que se somavam ao triste episódio de abandono, o que acabara por sucumbir-lhe as últimas forças. Ela deixou-se ficar ali num choro amargurado e sem fim até que adormeceu. Acordou tarde da noite e às primeiras lembranças, desejou que tudo tivesse sido apenas mais um pesadelo. Um daqueles sonhos horríveis que nos fazem estremecer de pavor, com a voz presa na garganta, nos sufocando o grito. Como queria poder levantar-se e correr para o quarto dos pais, como quando criança, sentir o calor do abraço de sua mãe a consolá-la e o colo de seu pai a conduzi-la novamente para sua cama. Como fora amada! Quanta felicidade vivera. Queria poder maldizer o momento em que conheceu Julian, mas não era capaz. Continuava sentindo o mesmo amor, maior que suas próprias forças e que era tudo quanto lhe restava. E sem que pudesse se aperceber, instigava a fúria do espectro odiando cada vez que pensava nesse amor. "Como poderia amar o maldito que semeara a desventura e desdita em sua vida?", revoltava-se Caliel, esbravejando contra os céus, enquanto uma gosma escura lhe escorria pelos lábios e o ar lhe faltava, obrigando-o a calar-se. Fluidicamente, este estado refletia em Cristine como esmorecimento completo.

Por quanto tempo permaneceu entre devaneios e aflições, soluços e abandono de si mesma? Perdeu totalmente a noção do tempo. Deixou-se consumir pela dor sem vislumbrar uma saída. Não conhecia ninguém, precisaria recorrer a desconhecidos, sentia fome, frio, sofria. Levantou-se, vestiu pesado sobretudo e caminhou em direção à porta. Abriu-a e ainda uma vez, olhou para o pequeno apartamento por um instante, lembrando-se dos momentos críticos ali passados. Entre a dor e a aflição, saiu. Não voltaria. Não suportaria ainda a humilhação do despejo.

Caminhou pelas ruas sem saber para onde ir, que direção tomar. Pensamentos desencontrados lhe tomavam a mente confusa, sentiu a cabeça rodar e, cambaleante, precisou apoiar-se para não cair. Estava muito fraca. Há algum tempo não se alimentava direito.

Depois de muito vagar a esmo, eis que uma porta aberta e o murmúrio de vozes lhe chamaram a atenção. Caminhou naquela direção e entrou numa pequena taverna com pouco movimento de pessoas, onde uma mulher falava com desenvoltura a outras duas mais jovens, que permaneciam caladas, atentas:

— Quando Jorel chegar terão que entender-vos com ele.

Com certo ar de preocupação, as moças iniciavam o trabalho, empenhadas em agradar à encarregada, chamada Grazia. Limpavam mesas, arrumavam cadeiras e esfregavam o chão, apressadas, sem se darem conta de Cristine parada próxima à entrada.

— Por favor! - disse com a voz trêmula, chamando para si a atenção das mulheres.

— De onde surgistes? O que queres? -perguntou ríspida Grazia.

— Vossa graça, senhora. Estou com muita fome... - foi o que conseguiu dizer Cristine envergonhada.

— Que queres dizer com "graça?" Onde pensas que estás? Isto aqui é uma taverna - e já ia despachando a infeliz, quando notou seu casaco, de boa qualidade. - Pensando melhor, o sobretudo deve valer alguma coisa, parece coisa boa... Jorel vai ficar furioso! - falava sem parar a mulher, olhando para o casaco de Cristine, que se encolhia cada vez mais. - Está bem. Dou-vos de comer e beber em troca dele.

— Faz muito frio... - respondeu.

— Estás muito pálida, senhora. Deves estar faminta! Já sei! Proponho um bom negócio: troco vosso casaco pelo meu - disse, apanhando o velho casaco surrado - e ainda vos dou de comer e beber. Aceitas?

Desalentada, Cristine aceitou a oferta de Grazia. Entregou-lhe o sobretudo e vestiu o que lhe foi oferecido. Acomodou-se a seguir no local que lhe fora indicado e saboreou o caldo quente, o pedaço de carne assada e o vinho.

— Melhor acabares logo e ires, porque aqui não é lugar para vós. Gente embrutecida, gargalhadas, vozerios, nada de pudores, se me entendes - recomendou a encarregada ríspidamente.

As outras duas olhavam curiosas para a estranha esfomeada, quando alguém entrou na taverna. Era um homem de proporções fora do comum, muito grande, feições embrutecidas. Sentou-se e pediu vinho, sendo imediatamente servido por uma das serviçais. O homem virou a caneca de uma só vez e pediu mais. Enquanto esperava, vasculhou o lugar com os olhos atentos, indo parar em Cristine, que terminava o repasto sentindo um certo torpor, devido ao estado de fraqueza em que se encontrava e a rapidez com que ingerira o alimento. Por um instante seus olhares se encontraram, causando desconforto à senhora, que se levantou e encaminhou-se para a porta. O homenzarrão a seguia com os olhos, enquanto estranho sorriso brincava em seus lábios. Inesperadamente, antes que ela pudesse alcançar a saída, eis que suas mãos, igualmente enormes, a seguraram pelo braço, fazendo-a voltar-se. Calmamente, o forasteiro retirou uma moeda de ouro do bolso e atirou-a para cima, deixando que caísse novamente em sua mão. Cristine olhava incrédula, imaginando uma maneira de esquivar-se ao atrevido homenzarrão, quando Grazia veio em seu socorro trazendo mais vinho e falando sem parar, daquele seu jeito descontrolado. Olhou significativamente para ela, fazendo-lhe sinal para que se apressasse em partir.

Assim que alcançou a porta, Cristine correu, afastando-se o quanto pôde dali. O vento frio da noite, no entanto, a trazia de volta à realidade: estava só e sem destino. Pensou novamente em Julian e em tudo que lhe acontecera nas últimas horas. Em seu peito a dor misturava-se à angústia crescente. O que seria dela? Por um instante veio-lhe à mente aquela moeda de ouro que o homenzarrão lhe acenou, mas tal proposta estava totalmente fora de cogitação.

Caminhou a esmo pela grande cidade, olhos perdidos na escuridão da noite, tiritando de frio, quando avistou uma luz ao longe. Cuidadosa, rumou naquela direção, indo parar numa espécie de barracão em ruínas. Ao longe, observou atenta um grupo de maltrapilhos ao redor de uma fogueira. Foi chegando devagar. Ninguém se espantou com sua presença. Eram homens e mulheres, na maioria já em idade avançada, aquecendo-se ao calor do fogo, sujos e malvestidos.

Cristine sentou-se ao lado do estranho grupo. Observou os rostos sofridos e os olhares inexpressivos, perdidos no fogo crepitante. Alguns deles a observaram curiosos, nada mais.

Extremamente cansada, acomodou-se como pôde e adormeceu sem nenhuma esperança.

No dia seguinte, os primeiros raios de sol por entre nuvens espessas e a neblina densa avisaram que a vida continuava. Todos foram saindo devagar do meio dos escombros em que se abrigaram durante a noite, juntando trapos e pertences e se afastando daquele lugar.

— Tragas alguma coisa da próxima vez! -recomendou uma velha senhora, cuja voz rouca e grave dirigida a Cristine chamava-na de volta à realidade.

Mantendo certa distância, ela acompanhou os miseráveis que saiam daquele arrabalde, dirigindo-se às ruas de maior movimento, onde estendendo as mãos, mendigavam o pão e a piedade alheia.

Cristine vagou por entre ruas e caminhos, sem coragem de pedir, permitindo que seus pensamentos sombrios e sua dor a alimentassem naquele dia tão triste. Enrolada no casaco surrado que Grazia lhe dera, tiritando de frio, pensava que nada mais restara para ela.

Lembrou-se dos dias venturosos com Julian, e como num sonho, viu-se reportada ao passado.

Parecia sentir suas carícias e beijos, o calor de seus abraços e sua voz a sussurrar-lhe palavras doces. Lágrimas amarguradas teimavam em lavar-lhe as faces sem esperanças, enquanto os passos hesitantes sucediam-se interminavelmente, levando-a à exaustão. Não queria, não podia parar. Continuou assim por todo o dia.

As vezes parecia ouvir seu pai a chamá-la. Sua voz lhe transmitia força e coragem, mas antes que pudesse reagir ao desânimo deprimente, sintonizava as vibrações do algoz, que a acompanhava de perto.

Ao entardecer, quando o frio parecia insuportável e a névoa já chegava, anunciando que a noite seria ainda mais fria, a jovem senhora avistou o rio. Lentamente caminhou em sua direção e viu a ponte que o transpunha, de estrutura sólida, desafiando a correnteza das águas esfumaçadas.

Trêmula, Cristine caminhou pela ponte. Parou ao centro e, olhando para baixo, fitou as águas agitadas, que pareciam se engalfinhar formando as ondas e correntes daquele rio caudaloso, cujo murmúrio lhe fazia lembrar uma canção, a sua preferida. Sussurrando a antiga canção, deixou que o pranto incontido lhe escapasse. Nada mais poderia lhe trazer de volta. Sentia-se morta, um fantasma vagando ao léu sem eira nem beira nem ninguém.

Parada na ponte, sentindo o vento frio sacudi-la, pensou que esta noite não voltaria para aquelas ruínas em que passara a noite anterior em companhia dos infelizes mendigos.

Caliel imprimiu-lhe aos pensamentos doentios a imagem de Julian, imediatamente captada, renovando-lhe a angústia.

— Julian! - sussurrou, entreabrindo os lábios.

Enquanto conflitantes emoções a acometiam, Cristine pensava em como é triste o amor explodindo no peito em chagas! O amor, sentimento puro e nobre, emergindo de cada fibra da alma, iluminado com todo carinho pelo coração, sendo assim renegado... Como é triste o amor não correspondido, como é grande a dor do desprezo, como é amarga a solidão... Não poderia mais viver de recordações, alimentar a chama extingue da vida às custas das lembranças dos dias felizes. Mil vezes reviveu os momentos venturosos ao lado de Julian, seus beijos, abraços, carícias; mil vezes reviveu o seu sorriso, o seu olhar apaixonado; mil vezes ouviu novamente suas doces palavras sussurradas; outras mil vezes se perguntou por que tudo acabou... Esse punhal cravado em seu coração e essa dor aguda que a acompanhava... Como se não bastassem os olhares frios, palavras duras e a ausência crescente, ainda o adeus...

A dor e a saudade eram tão fortes que Cristine já não conseguia mais suportar. Lutaria contra o frio e a fome, enfrentaria a miséria até, mas não a ausência daquele que se tornara maior que ela mesma. E mesmo sem poder compreender a intensidade desse sentimento, deixava-se consumir pela dor daquele amor não correspondido, daquele amor que nascia tão forte dentro de seu peito para implodir em sua alma amargurada. Sentia-se morta e nada mais lhe importava. (7)

Deixou-se cair da ponte, então, sentindo o frio e o vento ainda mais fortes. Ansiava pela morte, pensando poder encontrar em seus braços o fim de toda sua desdita. Naqueles poucos segundos em que seu corpo se precipitava pelo ar, pareceu ouvir sua mãe a chamá-la e depois seu pai. Confusa, enquanto a vertigem da queda antecedia a enorme friagem das águas que a envolveram em seus funestos braços, Cristine queria poder encontrar a mãezinha querida e o saudoso pai. Via-se criança novamente, nos seus quatro anos, sentada em poltrona confortável, na ampla sala aquecida pela lareira acesa. Lembrou-se do vestidinho xadrez de lã em tons de marrom, da enorme gola redonda e dos sapatinhos da mesma cor. Em sua doce inocência, brincava com um dos pezinhos, descalços, enquanto a mamãe carinhosa se aproximava, calçando-a, cantarolando. Cristine debatia-se sufocada ao empuxo da correnteza que levava seu corpo para as profundezas, enquanto todas as lembranças de sua existência desfilavam em seus pensamentos. O ar lhe faltava e a água que penetrava as narinas e boca inundava-lhe os pulmões, extinguindo-lhe a vida de maneira grotesca e cruel. Após aflitivos minutos, o silêncio tomou conta de todo seu ser.

7 (...) os sofrimentos, quando heroicamente suportados, dominados pela vontade soberana de vencer, são como esponja mágica a expungir da consciência culposa a caligem infamante, muitas vezes, de um passado criminoso, em anteriores etapas terrenas." (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 132).

Consumara-se o suicídio de Cristine T. naquele inverno do ano de 1515. (8)

Cristine fora filha tão amada, recebera esmerada educação e vivera até a mocidade cercada de todo o conforto material. Não soubera, no entanto, valorizar todos os benefícios oferecidos pela Providência, permitindo que tudo servisse apenas para alimentar seu orgulho. Não foi capaz de compreender as lições que a vida lhe transmitiu em forma de infortúnios, ainda que em benefício de seu próprio crescimento enquanto Espírito em ascensão. Tornou-se cega diante do desejo de posse pelo objeto cobiçado, o marido. E a esse sentimento chamou de amor, esquecendo-se que o verdadeiro amor é compassivo e generoso.

8"(.••) desprezando o ser divino que em si palpita, o qual é ele próprio, é o seu Espírito imortal, descendente que é do Todo-Poderoso, dá-se voluntariamente à condenação pela Dor, resvalando pelos ominosos desvios da animalidade e quiçá do crime, os quais necessariamente arrastarão as lógicas das reparações, das renovações e experiências dolorosas nos testemunhos da reencarnação, quando mais suave se tornaria a jornada ascensional se meditasse prudentemente, procurando investigar a própria origem e o futuro que lhe compete alcançar!" (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 1 27).

Se ao menos tivesse elevado o pensamento ao Pai, por um instante que fosse, numa prece singela, abrindo-lhe o coração atormentado... e houvera recebido forças para suportar a dor, podendo entrever algum recurso para suportar as dificuldades atroztes.⁹ Decidiu-se pelo suicídio, julgando, assim, findar seu sofrimento, antes de lutar e enfrentar as vicissitudes que fazem parte da própria vida.

Trazendo do passado culposos os débitos contraídos, atraiu a presença daquele a quem prejudicou tão gravemente pela leviandade irrefletida e inconsequente. A ausência de valores morais tornou-a susceptível à intervenção do ódio, fazendo-a trilhar os caminhos ásperos do sofrimento que a conduziriam, mais tarde, ao desembaraço das dívidas perante a consciência culpada e as leis universais.

Mas apesar de todo seu sofrimento, ainda que se comprometesse mais e mais em faltas graves, seguia a trajetória escolhida para a perfeição. Não estava desamparada e recebia, constantemente, o relampejar das luzes dos anjos celestes chamando-a, projetando-lhe nos pensamentos sombrios e estendendo-lhe mãos generosas. Bastaria que buscasse, que pedisse, e seria resgatada das trevas da ignorância em que se encontrava. Ainda levaria algum tempo para que se apercebesse disso.

9 (...) Marchai, marchai, pelos caminhos da prece, e ouvireis a voz dos Anjos! (...) Doces vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança, pela prece, a essas esferas desconhecidas e habitadas! (...) Vós também, como o Cristo, orai, carregando a vossa cruz para o Gólgota, para o vosso Calvário." (O Evangelho Segundo a Espiritismo - Cap. XXVII - 23).

Auxílio tardio

No ano de 1512, desencarnava Dalton T., deixando ao único filho todos os bens, propriedades, riquezas e influência. Irving T. contava então com 46 anos. Era um bom homem. Diferente do pai e, talvez, até por ironia do destino, muito parecido com seu tio Warren; além da semelhança física, do olhar lúcido e transparente, lembrava-lhe muito pela personalidade introspectiva e sensibilidade. Soubera ao longo de sua vida cativar muitos afetos, a começar pelo próprio pai, por quem nutrira grande respeito e estima.

Irving T. casara-se, tivera um casal de filhos que, já adultos e também casados, lhe deram netos. Era uma bonita família, que vivia conforme os padrões e costumes da época, abastada e respeitada.

Apesar de já estar cuidando dos interesses da família há muito tempo, apenas com a morte do pai é que o sobrinho de Warren pôde cientificar-se da verdadeira posição econômica herdada. Surpreendeu-se com o montante de propriedades. Dalton T. soubera duplicar a herança deixada por seu pai, o conde Wallace T., garantindo um futuro tranquilo aos seus descendentes.

Em meio a muitos papéis que examinava cuidadosamente, Irving encontrou uma carta que muito o impressionou. Tratava-se da carta escrita por seu tio Warren, por ocasião do nascimento de sua filha, datada do ano de 1485. Nesta carta, toda a felicidade daquele momento transparecia nas entrelinhas e a intenção de reatar relações com a família era evidente. Certamente seu pai não tomara conhecimento e muito provavelmente nem sequer respondera a missiva, continuando a ignorar por completo aquele irmão. Por outro lado, o simples fato de ter conservado a carta entre todos aqueles papéis importantes, demonstrava que jamais pudera olvidar totalmente seus parentes de sangue, como fazia questão de demonstrar em suas atitudes.

Irving decidiu procurá-los, conhecê-los, reatar os laços impetuosamente quebrados no passado já distante. Lembrava-se vagamente da visita de seu tio e da discussão entre os irmãos. Contava então com 18 anos, e hoje se sentia em dívida para com aquelas pessoas que teriam direito a uma boa parte da fortuna em seu poder. Dependia apenas dele fazer justiça, ou antes, corrigir um erro que o temperamento autoritário e intempestivo de seu pai ocasionara, por conta de uma divergência de valores. Assim era Irving: justo, bondoso, solidário.

Com muita discrição, providenciou para que fossem localizados os parentes distantes. Nomeou um amigo de sua inteira confiança, que costumava prestar-lhe favores e serviços variados, solicitando-lhe que fosse pessoalmente até o endereço que constava na carta. Antes de procurá-los, queria conhecer minuciosamente a situação daquelas pessoas.

Wesley era o nome do homem de confiança de Irving. Já lhe dera provas de seu caráter ímpoluto e de sua amizade sincera em muitas ocasiões e desta vez não haveria de ser diferente. Assim, após inteirar-se dos fatos necessários, e munido de uma boa quantia, partiu ao encalço dos descendentes de Wallace T., deixando o filho de Dalton esperançoso em poder estreitar os laços com os familiares há tanto tempo ausentes.

A situação encontrada, no entanto, não foi a esperada por Wesley, que rapidamente cientificou Irving sobre os acontecimentos levantados. Soubera facilmente, pois era do conhecimento de muita gente, o destino da pobre Cristine T. Com a morte dos pais, a jovem, casada com um homem sem princípios, jogador e aventureiro, ficara em difícil situação, sendo obrigada a desfazer-se da casa onde nascera e crescera, para saldar dívidas do marido. Mudaram-se dali. Era tudo.

Preocupado com esse desfecho inusitado, Irving passaria a empenhar todos os esforços para localizar a prima e fazer por ela o que estivesse ao seu alcance.

Assim, Wesley esteve a investigar o rumo tomado pelo casal após a mudança da cidade onde seu tio Warren havia se instalado e vivido até seus últimos dias. De imediato, procurou pelo lorde Harold S., uma vez que soube ser o marido de Cristine sobrinho deste. Foi encontrá-lo entre a vida e a morte, agonizante. Os familiares desconheciam o destino de Julian após seu casamento. Veio a saber que nenhum parentesco existia entre ambos, mas tal revelação de nada lhe adiantou naquela altura dos acontecimentos.

Entre informações falsas e especulações de toda sorte, esteve o amigo de confiança de Irving a seguir o rastro de Cristine e Julian. Após 3 longos anos de procura, eis que algo mais sólido lhe chama a atenção, assinalando que enfim atingira o término das buscas.

Era uma grande cidade, e ao peso de boas gratificações, finalmente Wesley conseguiu localizar Julian M. vivendo nos arrabaldes, acompanhado de uma jovem de nome Xênia.

Cuidadoso, o amigo de Irving tratou de encontrar-se com o ex-marido de Cristine. Com discrição, passou a seguir-lhe os passos até que surgisse finalmente a oportunidade para abordá-lo. Esse dia não tardou a chegar e aconteceu numa taverna. Sem demonstrar as verdadeiras intenções e lançando mão de toda sua perspicácia, Wesley bebeu e comeu ao lado de Julian, cativando sua confiança. E quando o vinho já lhe "soltara a língua", foi introduzindo as questões e obtendo as respostas desejadas.

Soube pelo próprio Julian que abandonara a esposa havia pouco tempo. Seu destino lhe era ignorado e tampouco estava interessado em falar sobre o assunto, encerrando a conversa. Nesse momento, Grazia, a mesma que ajudara Cristine naquela noite fatídica, adentrou a taverna apressada, usando o sobretudo que foi negociado em troca do repasto oferecido à senhora debilitada. Num relance de memória, Julian, notando o casaco conhecido, fez um breve comentário, mais para si mesmo, que não passou despercebido a Wesley.

O amigo de confiança de Irving procurou então por Grazia e, oferecendo-lhe boa gratificação, tomou conhecimento da estada de abatida senhora na taverna, há alguns meses. Trocara o casaco pelo alimento revigorante, tendo saído em seguida. Nunca mais havia sido vista por ali.

Sem encontrar mais nenhuma pista que o levasse até Cristine, Wesley foi ao encontro de Irving, colocando-o a par de tudo que descobrira.

Irving, intrigado com o desaparecimento da prima, decidiu continuar empenhando esforços para descobrir o desfecho daquela inusitada história.

Julian de nada suspeitava. Sua vida prosseguia, como sempre, uma eterna aventura, repleta de novas emoções. Ao deixar Cristine, apesar de constrangido pelas circunstâncias, procurou logo envolver-se com outras preocupações e entregar às mãos do destino a sorte da esposa que não soube amparar.

Em companhia de Xênia, a jovem por quem se interessara já há algum tempo, procurou dar novo rumo à vida atribulada. Ao contrário de Cristine, ela era vulgar e extrovertida. De estatura regular, corpo esbelto, cabelos castanho-avermelhados, olhos escuros e muito astuta, sabia bem sobreviver às próprias custas.

Xênia era alegre, expansiva, exuberante e a convivência a seu lado era prazerosa e agradável. Sem pensar no passado e nem ao menos imaginar o destino de Cristine, Julian logo iniciou nova etapa de sua vida.

A suicida

"O homem tem o direito de dispor de sua própria vida? - Não, só Deus tem esse direito.

*O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei."
(O Livro dos Espíritos - 944).*

Após o triste episódio em que Cristine dera fim à própria vida, fugindo do desespero em que se encontrava, permaneceu por longo tempo num terrível estado de torpor. A morte abrupta fê-la perder totalmente a consciência da realidade. Lentamente ia retornando à razão e se apropriando de sua triste situação. Desta forma, sentia-se caindo interminável número de vezes e sendo envolvida pelas águas que a sufocavam. Debatia-se em aflição para novamente voltar a ter a sensação da queda.

Seu corpo fora encontrado no rio, em adiantado estado de decomposição. Não pudera ser identificado. Além do mais, como ninguém deu por sua falta, foi tida como indigente e sepultada como tal. O Espírito atribulado, no entanto, ligado àquele que lhe servira como veste sagrada, permanecia em grande estado de perturbação.

Acompanhando-a, permanecia Caliel inflexível perante os planos sinistros por tanto tempo acalentados. A desforra ainda não se completara e aproximava-se o instante em que a consciência culpada de Cristine a levaria ao desvario e loucura.

O terrível trauma sofrido pela suicida trouxe-lhe consequências devastadoras: apenas o corpo físico perecera à morte brusca e violenta. O laço que o ligava ao Espírito continuava com a mesma plenitude e força. Desta forma, as impressões penosas da matéria em decomposição chegavam-lhe impiedosamente.

Faltara tão pouco para que o auxílio chegasse! Apenas mais alguns poucos meses e seria encontrada a prima que Irving certamente haveria de amparar com todo o carinho que lhe era peculiar.

Alguns poucos meses onde Cristine deveria buscar o conforto para suas decepções e amarguras junto ao Pai Celestial. Tempo suficientemente adequado para aceitar com humildade os reveses do destino e ajudar aquelas pessoas que, além da miséria, sofriam as limitações de moléstias e da idade avançada. Aqueles maltrapilhos poderiam, pelas suas mãos, receber alguns cuidados, pelas suas palavras receber algum consolo e de seu coração, embora também sofredor, receber o amor que os tornaria menos miseráveis.

Perdera, certamente, grande oportunidade de crescimento, porque o sofrimento nada mais representa que o ensejo ao Espírito para que se eleve acima do significado pequeno e limitado da dor. Elevar-se acima das vicissitudes da vida material e projetar-se ao ilimitado mundo imaterial, autêntica e verdadeira pátria espiritual, deslumbrante de luzes e sons diáfanos, onde as melodias dos anjos nos consolam e a visão do infinito nos entenece.

Mas apesar de tudo, certamente esse não seria o fim para Cristine. Muitas outras novas oportunidades lhe seriam dadas e um dia, quando estivesse pronta, poderia alistar-se junto às fileiras incontáveis daqueles que se decidem pelo caminho de luz e progresso, através do resgate das faltas, aceitando as provas com coragem e determinação no bem.

O longo período de perturbação persistia. Alguma noção de seu triste estado, no entanto, ia lentamente descortinando o véu espesso de aflição e inconsciência. Cristine sentia-se viva, confinada em local apertado e sufocante, percebendo a decomposição adiantada de seu corpo físico. O desespero aumentava na medida em que se recordava do momento último, onde atirou-se aos braços da morte. Afogou-se sendo engolida pelas águas geladas do rio. Por que, então, continuava viva? Onde estaria? Que corpo era aquele apodrecido junto de si? Por que não conseguia sair daquele lugar fétido?

A pobre mulher esteve entre a inconsciência e o desespero por longo tempo. Não conseguia registrar a presença da equipe socorrista que se acercava daquele local, levando o auxílio a todos quantos estivessem preparados para recebê-lo, em nome de Jesus. Sentia-se só e desamparada. Esquecera de que o Pai não desampara nenhum de Seus filhos. Não soubera cultivar a fé em seu coração, que agora se assemelhava a terreno árido

e infrutífero. Experimentava constantemente a sensação da queda e a vertigem a tomava; debatia-se sufocada pelas águas que a levavam para o fundo escuro do rio. Sentia muito frio. Ouvia as gargalhadas de escárnio e impropérios injuriosos. Tinha muito medo.

Tudo era confuso e os pensamentos em desordem se somavam às sensações angustiantes, até que num esforço muito grande, Cristine pôde afastar-se do corpo físico e sair do local onde fora sepultado. Caminhou com dificuldade por entre as sepulturas, indignada. O que estaria fazendo ali? Buscara a morte e não morreria. Não se lembrava de como se salvara. A impressão da queda permanecia viva na memória, a asfixia estava presente para comprovar-lhe que se afogara. Sentia muito frio e os membros enregelados sofriam estranhos espasmos como se se agitassem na água procurando fugir da escuridão profunda e nefasta. Inesperadamente, surpreendeu-se com Caliel diante de seus olhos. A figura sinistra do algoz e o pavor que lhe causou fizeram com que Cristine se esgueirasse por entre as sepulturas, tentando ocultar-se à visão ensandecida.

Andava em círculos, sem que os pensamentos conflituosos pudessem concatenar com coerência. O que estaria acontecendo? Teria enlouquecido? De onde saíra o espectro horrendo que avistara? Procurou nos braços da morte esquivar-se à dor e à solidão, ao desprezo e humilhação, e o que encontrara? O insano ato, que lhe pareceu o único recurso plausível para arrebatá-la do desespero, mostrava as consequências aterradoras(10).

Esteve durante longo tempo abeirando-se das sepulturas, passos trôpegos, sofrendo os espasmos dos membros lutando contra a correnteza das águas que a puxavam para as profundezas, dispnéica e com muito frio. Enorme peso na cabeça lhe obrigava a mantê-la abaixada e parecia sorver a água fria invadindo lhe as vias respiratórias, que se congestionavam desde as narinas e boca até os pulmões. Desagradável ardência em toda essa região causavam-lhe, além da extrema aflição, uma terrível dor latejante, constante, crescente.

10 "Como vedes, destruístes o corpo material, próprio da condição do Espírito reencarnado na Terra, único que teimáveis reconhecer como absoluto padrão de vida. No entanto, nem desapareceste, como desejáveis, nem vos libertastes dos dissabores que vos desesperavam. Viveis! Viveis ainda! Vivereis sempre! Vivereis por toda a consumação dos evos uma Vida que é imortal, que jamais, jamais se extingui dentro do vosso ser, jamais deixando de projetar sobre a vossa consciência o impulso irresistível para frente, para o mais além!..." Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 127.

Era constantemente sacudida por acessos de tosse, onde os pulmões expulsavam, aos jatos, uma espécie de líquido sanguinolento, fétido, que lhe causava náuseas. E por mais que tentasse, estava longe de compreender a perturbação subsequente ao destino aterrador que ela mesma procurara ao extinguir a vida do corpo físico, vaso sagrado do Espírito imortal.

Caliel divertia-se com o sofrimento da infeliz, surgindo-lhe de quando em vez no caminho, causando-lhe terrível pânico.

A muito custo Cristine, entre sobressaltos e perturbações, foi se recordando de alguns fatos que antecederam o momento fatídico do suicídio. O velho barracão em ruínas surgiu-lhe na mente enfermiça e a lembrança do fogo aceso fez com que desejasse estar junto dos indigentes se aquecendo. Sentia tanto frio... No instante seguinte, Cristine avistou o fogo crepitante e o grupo de mendigos ao seu redor. Estava tão perto, como não o vira antes? Com dificuldade, caminhou naquela direção, e como acontecera da primeira vez, ninguém se incomodou com sua presença. Acomodou-se quieta e adormeceu. Não se dera conta de que estava sendo acompanhada por uma entidade espiritual, que lhe transmitia energias tranquilizadoras. Permaneceu ao seu lado, serena e calmamente, enquanto feixes de luzes claras e delicadas lhe eram transmitidos. Caliel era impedido de aproximar-se.

Ainda era madrugada quando Cristine acordou atormentada com a sensação de estar se afogando. Não conseguia respirar, sufocava. Voltara a sentir aquele frio terrível. Sentou-se com dificuldade e chorou desesperada. Olhando para o alto, deixou que as lágrimas escorressem pelo rosto transfigurado de dor e lembrou-se de Deus. Embora jamais tivesse cultivado a fé nesse Deus, naquele instante, envolvida pelo Mensageiro de Luz, pediu ajuda ao Pai:

— Deus... se estás neste céu por entre as estrelas, se podes ouvir-me, envia um dos Vossos anjos para socorrer-me...

Enquanto pronunciava, emocionada, estas palavras dirigidas ao Pai, o Espírito amigo a envolvia nas mais puras vibrações de paz que chegavam do Alto como resposta ao seu pedido. Fez-se visível a seguir, e enxugou-lhe as lágrimas, dizendo:

— Deus não desampara nenhum de Seus filhos. Apesar de teres transgredido a mais sagrada de todas as Leis Divinas, a Lei da Vida, ainda assim, estás sendo amparada. Não desanimes. Levanta a cabeça e segue adiante, arrependida por não teres confiado no Pai, por não teres compreendido as lições de dor que a vida lhe ofereceu, por não teres esperado pelo auxílio que não tardaria. Fé, resignação, confiança! Eis as lições preciosas que não soubestes colocar em prática, que não soubestes cultivar n'alma ainda frágil. Levanta a cabeça e faz agora por merecer a nova oportunidade que te é dada. Chora. Deixa que as lágrimas te aliviem a consciência culpada pelo crime nefando que praticastes contra ti mesma. Deixa que as lágrimas de remorso lavem a tua alma comprometida perante as leis universais, mas não te revoltas, e abreviarás os momentos mais difíceis que ainda passarás. E mesmo que te sintas só, sempre haverá a luz a teu lado. Saiba buscar-las em todos os momentos (11).

Cristine chorou emocionada. Sentia-se novamente menina, amparada, protegida e amada. E esse amor era tão intenso, pleno e radiante, que lhe trouxe coragem para assumir todas as consequências do ato acovardado que praticara contra si mesma, embora não acreditasse ter morrido. Sentia-se viva e sofria.

Os primeiros raios de sol misturaram-se às luzes diáfanas do Espírito amigo, antes que se desfizesse a sua visão perante Cristine. Olhando ao redor, ela observou, como outrora, o grupo de maltrapilhos se levantando e lentamente afastando-se daquele local, silenciosos e resignados diante da miséria que os assolava. Acometida por novas crises de dispneia e espasmos musculares, deixou-se ficar estendida ao solo, envolvida por todo seu pesar.

Eis que Caliel, conseguindo aproximar-se, surgiu-lhe ameaçador:

11 "Mas... existe uma como fatalidade a extrair-se do ato mesmo do suicídio, contra suas atribuladas presas, a qual impede sejam estas socorridas com a presteza que seria de esperar da Caridade própria dos obreiros da Fraternidade: - é o não se encontrarem elas radicalmente desligadas dos liames que as atêm ao envoltório carnal, isto é, o se conservarem semiencarnadas ou semidesencarnadas, como quiserdes!" - Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 210).

— Choras, maldita? Sofres? Pois saibas que toda tua desventura não é nada diante do sofrimento que me causaste.

Indignada, a pobre não atinava em quem seria aquele homem cujas feições tanto a impressionavam, inspirando-lhe imenso pavor. Embora o esforço, não conseguia articular uma única palavra. Encolhia-se amedrontada, enquanto o algoz lhe desferia palavras rudes e sarcásticas. Em meio aos improperios, falava de Julian:

— Estás com medo? Onde está o comparsa que não a socorre? Deixastes tudo por ele e por duas vezes o infeliz te abandonou!

Conforme prosseguia com as injúrias, mobilizava no Espírito atribulado de Cristine as lembranças vividas em existência anterior. Num sobressalto, tomou-a nos braços, envolvendo-a em grande torpor. Quando voltou a si, o verdugo permanecia a seu lado e bruscamente fê-la erguer-se. Estupefata, Cristine estava diante de Julian. O coração acelerou-se e a respiração tornou-se mais ofegante, as mãos úmidas de emoção. Caliel a fazia aproximar-se do ex-marido, enquanto os espasmos musculares a castigavam duramente. Ela chorava, temia e se alegrava ao mesmo tempo, enquanto as mãos do sinistro lhe apertavam com força o braço ao conduzi-la. De repente, alguém entrou inadvertidamente.

Era Xênia que, envolvendo Julian num abraço carinhoso, lhe falava, e ambos trocavam impressões acerca de algo que Cristine não conseguiu ouvir diante de tamanha perplexidade. Queria afastar-se ao constatar a triste realidade, mas Caliel a mantinha firmemente. Os olhos marejados assistiam Julian e aquela moça, tão jovem, tão bonita, o abraçando, e juntos sorriam e conversavam descontraídos. Sentiu-se a última das criaturas, a mais desgraçada e infeliz. O mal-estar lhe trouxe novamente a sensação desagradável da queda interminável sem que, no entanto, atingisse as águas frias do rio, e sentisse o abraço da morte. Parecia estar caindo dentro de si mesma e a vertigem tomava a forma do abandono e desamor. Quão triste lhe pareceu não ser correspondida naquele sentimento tão intenso. Julian não a amava e a verdade nua e crua lhe aparecia implacável e cruel diante dos olhos em pranto e do coração constrangido de dor(12).

Caliel, triunfante, finalmente conseguia executar seu sinistro plano de vingança. Cristine sofria diante da traição, assim como ele mesmo sofrerá desesperadamente no passado. Satisfeito, o vilão ria, gargalhava sinistro, fitando-a para em seguida libertá-la de suas mãos que a mantinham presa diante de Julian e Xênia.

Afastando-se lentamente, indo encolher-se a um canto, Cristine não conseguia desviar os olhos do algoz. Quem seria aquele homem alto, de olhar tão duro, lábios finos, feições embrutecidas, cercado pela névoa escura? Onde o teria visto?

Caliel, caminhando pelo cômodo, a fitava enigmático:

— Decepcionada, Glenda? Mas, afinal, o que esperavas? Encontrá-lo trajando luto por tua causa?

Cristine encolheu-se ainda mais. O estranho lhe falara em luto... então estaria mesmo morta? Mas sentia-se viva... e sofrendo! Por que a chamou de Glenda? Esse nome repetia-se em sua mente, enquanto o verdugo continuava:

"Como vedes, destruístes o corpo material, próprio da condição do Espírito reencarnado na Terra, único que teimáveis reconhecer como absoluto padrão de vida. No entanto, nem desapareceste, como desejáveis, nem vos libertastes dos dissabores que vos desesperavam." [Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 127.

— Acaso não te lembras de mim? Sou Caliel - disse-lhe em tom irônico, antes de prosseguir sarcástico.

A pobre mulher permanecia imóvel e calada, enquanto fortes crises de dispnéia a sacudiam. Mil indagações lhe povoavam a mente enfermiça. Quem seria aquele homem que se dizia chamar Caliel? O que queria dela? Por que a chamava por Glenda? Seus pensamentos fervilhavam enquanto o verdugo continuava:

— Kevin é o mesmo patife de sempre. Até quando irás fechar os olhos para a verdade? Ele a usou, a roubou! Queres uma prova?

O Espírito, aproximando-se de Julian, o envolveu em suas vibrações e olhando fixamente em Cristine, sussurrou-lhe:

— Quero que te lembres de Cristine. Fales sobre ela.

Imediatamente, Julian, modificando o semblante, falou à Xênia:

— Engraçado, de repente lembrei-me de Cristine...

— Estás com saudade? - perguntou a jovem em tom irônico.

— Não, sabes que não - respondeu, enquanto Caliel lhe trazia à tona algumas lembranças e o incentivava a continuar falando. - As vezes chego a me envergonhar por ter feito tudo o que fiz.

— Do que estás falando, querido? - continuou Xênia.

— Na verdade, chego a sentir pena de Cristine. A infeliz me amou, acreditou em mim, tão ingênua... Foi tão fácil conseguir o que queria... Talvez por isso tenha sido um grande alívio tê-la deixado. Era tola demais, fazendo-me sentir pior do que sou.

— O que pensas ter acontecido a ela? - quis saber a amante.

— Não sei, mas foi melhor assim. Quem sabe tenha sido bom para ela passar por tudo isso...

Caliel, satisfeito, afastou-se do casal e, voltando-se para Cristine, estendeu-lhe os braços. Incrédula diante do que ouvira, lembrou-se do Espírito cercado de luz, enviado por Deus na noite anterior, a recomendar-lhe que fugisse da revolta. Deveria ter fé e confiança em Deus. Ao mesmo tempo, as palavras de Julian caíam-lhe n'alma como fel. Aquilo tudo não poderia ter sido bom a ela! Jamais conceberia sequer tanta dor e sofrimento.

Com o olhar enigmático, o Espírito caminhava pelo cômodo e lhe mostrava objetos, roupas e joias que lhe pertenceram. Cristine chorava. Sua dor crescia à medida que reconhecia seus pertences ali, tendo sido trazidos por Julian e entregues àquela mulher. Os brincos que foram de sua mãe, o anel que seu pai lhe dera, um gracioso tapete que adornara seus aposentos de casada... Foi-lhe impossível controlar a indignação, que se transformava em revolta. Cristine constatava o quanto fora enganada por aquele homem vil, farsante e traidor.

Os pensamentos tumultuavam-se, enquanto o passado ressurgia, atormentando lhe ainda mais. Rapidamente as lembranças despertavam, e Cristine via-se num outro corpo, bela, loura, pele clara, olhar lânguido, lábios rubros. Estava ao lado deste que se dizia Caliel, porém seu aspecto era de inocência e ternura. Podia sentir seu amor e o correspondia com certo descaso. Viu os filhinhos pequenos acercarem-se dela, enquanto se desvencilhava, afastando-se do lar e tomando o rumo do castelo do senhor daquelas terras. Esgueirando-se na penumbra dos corredores enormes, adentrava os aposentos do duque Kevin L. e o aguardava ansiosa.

As lembranças brotavam-lhe intempestivamente, enquanto balançava a cabeça como se não quisesse prosseguir àquelas reminiscências dolorosas. Porém, as imagens continuavam surgindo-lhe nítidas na tela mental, onde ela entregava-se aos braços de Kevin. Podia sentir o delírio das emoções que os envolviam, urgentes e incontidas.

Em seguida, estava novamente na casa humilde ao lado do marido, cujo olhar suplicante lhe chamava às responsabilidades de esposa e mãe, sem que precisasse articular sequer uma palavra. Em seus olhos, transparecia a angústia que lhe ia n'alma, sofrendo amargamente a traição vil.

Cristine não pôde evitar o grito diante da cena que se seguiu, revivendo o instante em que Glenda encontrou o marido enforcado. Dependurado no galho de uma árvore próxima à casa, surgiu-lhe a visão aterradora do corpo inerte, no caminho que tomara para ir ao encontro de Kevin. A imagem funesta passou a perseguir-lhe as noites, de sono atribulado, e assombrar-lhe os dias, sem tréguas. Desesperadamente queria fugir, em vão. Soluços desesperados rompiam do peito sufocado e a culpa lhe corroía as entranhas do ser.

De repente, numa fração de segundos, à luz de um relâmpago em céu tempestuoso, eis que surge a duquesa a espreitá-la e, em seguida, foi levada para outras terras, afastada do amante, dos filhinhos e daquele local de sonhos e desventuras. Entregue a senhores cruéis, terminou aquela existência em lastimável estado de penúria pela sobrecarga de trabalhos e alimentação insuficiente.

Retornava ao presente em pranto, enquanto Caliel a sacudia bruscamente. Olhando ao redor, reconheceu em Julian e Xênia o duque e a duquesa do passado maldito. Odiou-os, julgando-se vítima do destino naqueles tempos longínquos. Incentivada por Caliel, aproximou-se do ex-marido e de sua amante. O amor próprio ferido e a raiva despertavam em seu Espírito alucinado. Fora traída por duas vezes e esse homem a fizera perder-se de si mesma, enquanto sorria, apaixonado e feliz junto daquela mulher que odiava. Transformava-se o estado de espírito e estranha força se apossava dela enquanto o verdugo lhe falava:

— Fostes usada por ele como se usa um tapete para limpar os pés; sofrestes, morrestes por ele. Tola! Ele é o culpado de tudo!

Cristine acercou-se de Julian, envolvendo-o nas fortes emoções de revolta, e viu-o empalidecer. Repentinamente, ele começou a transpirar, a visão turvou-se e o ar lhe faltava. Xênia, preocupada, lhe abanava o rosto, enquanto o infeliz sentia-se desfalecer.

— Isso é apenas o começo! - gargalhou Caliel. Afastaram-se ambos. Cristine deixava-se conduzir pelo Espírito vingativo e cruel. O amor impossível que alimentara por tantos anos a transformava agora em verdugo implacável. O verdadeiro sentimento que sempre alimentou mostrava-se, então, como realmente era: grande apelo egoísta do coração orgulhoso.

Caliel conseguira o intento. Manipulando Cristine, vingava-se duplamente. Iniciava-se uma triste etapa para os envolvidos na trágica trama. Afastavam-se Caliel e Cristine ainda mais da redenção na medida em que se comprometiam cada vez mais diante de Deus(13).

13 "(...) obsessão, quer dizer, o império que alguns Espíritos sabem tomar sobre certas pessoas. Ela não ocorre senão pelos Espíritos inferiores que procuram dominar." (O Livro dos Médiuns - 237). " Os motivos da obsessão variam segundo o caráter dos Espíritos: algumas vezes é uma vingança que exerce sobre um indivíduo do qual tem algo a se queixar durante esta vida ou em outra existência." (O Livro dos Médiuns - 245).

A remissão

O tempo transcorreu célere e o rumo dos acontecimentos seguia seu curso, conforme fora determinado por cada personagem desta trama.

Julian sofria sem tréguas o assédio que Caliel e Cristine lhe impunham. Visivelmente abatido, já não tinha a mesma alegria de outrora. O brilho de seus lindos olhos se apagara e a idade agora lhe pesava. Nos seus 60 anos incompletos, com a saúde comprometida devido aos problemas respiratórios que sofria, via a vida desfilar-se diante de seus olhos sem que tivesse realizado algo de bom para si. Foram tantas tramóias, fraudes, falcatruas... Graças a Xênia, recebia amparo e cuidados. Fora-lhe fiel por todo o tempo em que estiveram juntos e Julian era-lhe extremamente grato.

Caliel sorvia da vingança lenta e progressiva, enquanto aguardava o desencarne, que não tardaria, daquele que fora o duque Kevin L.. Cristine era constrangida a permanecer influenciando, com sua presença, o estado de Julian. O Espírito debilitado, devido ao suicídio ao domínio do algoz, torturavam-lhe sobremaneira, comprometendo-lhe o discernimento. Confusa entre as recordações e culpas, já não se reconhecia como Cristine. Mesclava-se à personalidade assumida em sua última existência os traços de Glenda. Os pensamentos conflitantes pareciam enlouquecê-la. Sem forças, porém, para reagir, permanecia submissa a Caliel. De uma forma inusitada, ambos tornaram-se solidários e implacáveis diante do algoz de outrora e cúmplices perante o processo obsessivo e a transgressão das Leis de Amor e Perdão(14).

14"(...) Por isso, a vingança é um índice seguro do atraso dos homens que a ela se entregam, e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la." [O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XII - 9)

Cristine, olvidando os próprios erros e as consequências desastrosas, culpava Julian por toda desgraça que lhe abatera.

Sedento por justiça, Caliel esquecia-se de que somente a Deus cabe fazer justiça. Não essa justiça mesquinha e vingativa, mas a justiça universal, ampla e abrangente onde "a cada um será dado segundo as suas obras", permitindo que a Lei de Causa e Efeito determine a colheita a cada Espírito perante a Justiça Divina.

O verdugo, no entanto, prestes a executar todo o seu plano de vingança, não se dava por satisfeito. Conseguira submeter aquela que fora sua Glenda ao seu domínio, escravizando-lhe o Espírito culpado e perturbado. Desta forma, atingia duramente a Julian, que muito em breve estaria em suas mãos de algoz implacável. Sentia-se vitorioso. Finalmente, a desforra inolvidável por todas as mágoas e tormentos inexprimíveis. Mas, apesar de tudo, continuava sofrendo, e por mais que submetesse Cristine aos seus caprichos sórdidos, por mais que a dominasse, ainda assim sofria. Seu pescoço parecia ainda mais apertado, o ar lhe faltava constantemente e as lembranças da traição o atormentavam sobremaneira. De nada adiantara o revide, a vingança se mostrava inócua sobre a dor moral que o abatia, intrépida. Mais infeliz do que nunca, se desesperava. Ainda não podia admitir para si mesmo que fora tudo em vão e que apenas o perdão o libertaria de tanta dor.

Enquanto isso, Irving, que nunca se esquecerá por completo do triste desaparecimento de sua única parente de sangue, embora tivesse deixado de procurá-la há muito tempo por falta de pistas, guardava ainda uma esperança de encontrar qualquer notícia sobre o caso. Depois de tanto tempo, resolveu ir ter com Julian, de quem seguira todos os passos desde a época das primeiras investigações. Havia indícios de que o marido pudesse ter sido o responsável pelo desaparecimento de Cristine; mas sem que tivesse encontrado qualquer prova, temeroso em cometer uma injustiça, Irving não tomou nenhuma atitude. Apenas permaneceu atento a todos os seus passos. Nunca pôde saber, no entanto, se suas desconfianças tinham fundamento. Agora, algo lhe sugeria fortemente que deveria procurar por aquele homem, antes de dar por definitivamente encerrado o assunto.

As mãos misericordiosas de Deus, através de seus Mensageiros de Luz e Amor, conduziam Irving para que um desfecho satisfatório se desse e as três almas envolvidas na trama de ódio e vingança pudessem vislumbrar a aurora de um futuro radiante, de perdão e recomeço. Assim, o sobrinho do conde Warren bateu à porta de Julian, identificando-se como primo de Cristine T. Foi recebido por Xênia que, constrangida, convidou-o a entrar. Irving ficou fortemente impressionado com o estado debilitado em que se encontrava Julian, além de penalizar-se com a total falta de recursos evidente.

O ex-marido de Cristine fez menção em levantar-se diante de Irving, ao que foi contido com brandura. Olharam-se significativamente antes que o silêncio fosse quebrado por Xênia, desculpando-se pela falta de condições para recebê-lo adequadamente. Enquanto nos momentos seguintes os três encarnados trocaram algumas frases convencionais, invisíveis aos olhos humanos, Cristine e Caliel inquietavam-se com a suave luz clara e brilhante ao redor daquele estranho que se abeirava do leito onde Julian repousava, respirando com dificuldade.

Irving, dirigindo-se respeitoso ao enfermo, usando de sua costumeira franqueza e bondade, esclareceu o motivo de sua vinda:

— Desde o dia em que tive conhecimento da existência de Cristine, venho empreendendo esforços para encontrá-la ou mesmo saber de qualquer notícia, por menor que seja, a seu respeito. Infelizmente, não obtive sucesso algum. Depois de ter sido abandonada, deve ter estado numa taverna, onde trocou o casaco por alimento. Não podemos ter certeza de que realmente era ela a tal mulher. E se era, a pobrezinha deveria estar muito necessitada. Nada mais pude apurar. Nem aqui, nesta cidade, ou em qualquer outro lugar possível ou provável. Ela simplesmente desapareceu. Morreu, talvez. Eu não pude realizar o sonho de ter conhecido minha única prima, filha de meu tio Warren. Abro a ti neste momento meu coração e peço-te com humildade, se puderes, dizer-me algo que me alivie a angústia da incerteza... Tens minha palavra de que não farei nada, ainda que...

Emocionado, Irving calou-se. O silêncio que se seguiu parecia interminável, onde cada qual buscava as palavras certas para prosseguir. Cristine, no entanto, parecendo ganhar novas forças, aproximou-se do visitante, olhos arregalados, estupefata com o que acabara de ouvir. Aquele gentil e digno senhor era seu primo? Como poderia ser? Nunca soubera de sua existência? Ele dizia tê-la procurado por todos aqueles anos, se importava com ela, queria ajudá-la. Lembrou-se de seu desespero ao ter sido abandonada por Julian... Julgava-se só no mundo, sem poder contar com mais ninguém... Poderia ter esperado um pouco mais... Talvez tivesse se precipitado. Como era triste constatar tudo isso agora, quando já não podia fazer mais nada. Poderia ter conhecido o primo, aceitado sua ajuda e quem sabe até ter reconstruído sua vida (15).

Julian tirou-a de suas cismas. Emocionado com o que acabara de ouvir, prosseguiu, dizendo:

— Nada sei que já não tenhas conhecimento. Hoje, às portas da morte, arrependo-me por ter abandonado Cristine daquela forma. Arrependo-me ainda por tê-la enganado por tanto tempo.

15 "Em vários casos, a solução para os problemas, que abriram as portas para o abismo, encontrava-se a dois passos de distância do sofredor; surgiria o socorro enviado pela Providência ao seu filho bem amado, dentro de alguns dias, de poucos meses, bastando somente que este se encorajasse para diminuta espera, em glorioso testemunho de vontade, paciência e coragem moral, necessário ao seu progresso espiritual! Então concluímos com decepcionante surpresa que fácil teria sido a vitória e até a felicidade, se buscáramos no Amor Divino a inspiração para os ditames da existência que desgraçadamente destruíamos." Memórias de um Suicido - Yvonne A. Pereira - p.).

Não fui digno de seu amor. Ela era jovem e cheia de vida. Entregou-me o coração e a alma sem reservas e somente hoje posso avaliar o significado e a grandeza desse sentimento. Em nome desse amor ela entregou-se a mim, entregou-me os bens, as riquezas, a confiança, que nunca mereci. Foi abominável minha atitude em deixá-la quando mais nada restava, com a despensa vazia, o aluguel vencido e o desespero ao seu redor. Embora não me sinta merecedor, imploraria pelo seu perdão, se pudesse... Vou morrer carregando o remorso de ter sido tão desprezível, um verme, mas juro que nada mais fiz. Não a matei, nem planejei sua morte ou seu desaparecimento. Parti deixando-a em desespero, aliviado por ter me livrado do fardo, e hoje, por ironia do destino, partirei desta vida levando aqui em meu peito um desespero ainda maior do que aquele que lhe causei. Perdoe-me se puderes, senhor, em nome de Cristine...

Ao terminar, sem poder conter mais as lágrimas, deixou que o pranto lhe aliviasse a dor. Xênia permanecia a seu lado, compartilhando de seu pesar. Irving, comovido, meditava sobre a surpreendente revelação, enquanto mãos diáfanas espalhavam a luz ao redor de todos.

Profundamente impressionada com as palavras que acabara de ouvir, Cristine também chorava. Aproximou-se do leito onde Julian se encontrava e ajoelhou-se a seu lado. De repente, percebeu que o mesmo amor que sempre sentira por ele ainda estava vivo, palpitante em seu peito oprimido. Continuava sofrendo por não ter sido amada, sabia que esse sentimento jamais fora correspondido, e ainda assim o amava. Amor e ódio se misturavam deixando-a aturdida. Reconheceu, ainda, que sua desdita não fora totalmente causada por Julian e que a ela própria também coubera uma grande parte da culpa. Seu orgulho não lhe permitiu que enxergasse a verdade porque não conceberia a realidade de desprezo e desamor.

Em pé, Caliel era contido pela Espiritualidade Maior, que o envolvia nos mesmos sentimentos que tocavam os corações dos demais, e sem que pudesse compreender, ele também sentia esmorecer o ódio e o desejo de vingança.

O ambiente estava saturado por intensas luzes, emanadas pelas preces dirigidas ao Mestre de Amor, proferidas pela Equipe Espiritual presente. Para Cristine, Julian e Caliel surgia a oportunidade da remissão e cada qual examinava suas próprias culpas.

Nesse momento, fez-se presente o Espírito do conde Warren T. para receber em seus braços de pai carinhoso e extremado o Espírito da filha, após tantos anos de saudade. Abraçaram-se enternecidos. Cristine mal conseguia suportar tantas emoções:

— Papai, mal posso acreditar que estejas aqui... Perdoe-me... que vergonha sinto por me encontrares neste estado...

— Minha filha querida! Não imaginas o quanto esperei por este momento! - respondeu-lhe o conde com a voz embargada. - O que fazes aqui? Por que te demoras revivendo tantas tristezas? Deixa a Deus o julgamento do companheiro infiel. Viemos buscá-la, meu bem; estás preparada para seguir adiante, levando contigo as próprias culpas? A vingança é má companheira... Olhe ao teu redor e veja quanta luz a nos envolver e sugerir o perdão! É o convite de Jesus para a tua anistia, a tua clemência!

— Eu não posso, Caliel me aprisiona, não permitiria que eu partisse...

— "Nenhuma ovelha se perderá de meu rebanho". São palavras do Mestre, minha filha.

Não te preocupes com Caliel, ele também será assistido.

Cristine chorava abraçada ao pai, não se sentindo merecedora de tanto amor. Naquele instante, percebeu o quanto fracassara em sua última existência, onde viveu cada um dos seus dias para satisfazer caprichos e futilidades. Em nenhum momento pensou em ser útil ou ajudar alguém. Foi extremamente egoísta e orgulhosa, buscando possuir Julian, seu amor, suas carícias, sua presença, sua atenção, sua aprovação, seu sorriso, sua companhia, obstinada nessa relação doentia.

— Vamos querida, viemos buscá-la. Deixe para trás o sofrimento e o ódio - convidou-lhe o conde Warren docemente. - Vem conosco.

Cristine aproximou-se do ex-marido e, hesitante, afagou-lhe o rosto com ternura. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces, abundantes. Aflita, dirigiu o olhar suplicante ao pai:

— Não sei se posso afastar-me, papai... Apesar de tudo, sinto-me fortemente ligada a este homem, que amo e odeio com todas as forças de minh'alma...

— Eleves teus pensamentos ao Pai, pedindo forças para que possas recomeçar - prosseguiu o conde, penalizado diante do conflito que se travava no coração da filha.

E, para ajudá-la, pronunciou algumas palavras de encorajamento:

— Senhor Deus, Vos dirigimos o pensamento suplicante em favor de Cristine. Esta Vossa filha necessita de forças para seguir o caminho do amor e do perdão, compreensão diante das faltas de seus irmãos, benevolência, humildade e abnegação. Vós, que sois Pai amoroso, lança o Vosso olhar complacente, nesse momento decisivo para ela.

Todo o ambiente se resplandeceu ainda mais e a suicida, voltando-se para Irving, beijou-lhe as mãos, respeitosa. Caminhando em direção ao seu pai, lançou a Julian e Xênia um último olhar, cheio de mágoa. Estendeu ao conde os braços e pediu ajuda. Amparada pela equipe socorrista, adormeceu e foi a primeira a ser levada.

Caliel assistiu à sua partida calado, enquanto enorme inquietação lhe tomava o íntimo. Haveria chegado também para ele o momento de seguir adiante? Não se sentia pronto para esquecer todo o mal que Julian lhe fizera. Quantos e quantos anos esperou para poder acertar as contas com aquele que um dia trouxe a desonra e a dor em sua vida? Agora estava tão próximo este momento... Não podia fraquejar, teria que ser forte, mais forte que tudo. Desesperado, pensou em fugir. No entanto, caminhando em sua direção, o conde Warren, modificando sua aparência, surgiu-lhe como o duque Edgard L.:

— Ainda te lembras de mim, Caliel? Fostes meu servo fiel e digno outrora, e hoje estou aqui para servi-lo com a mesma dedicação. Venho para estender-te as mãos, curar-te as feridas, apagar os ressentimentos, trazer-te de volta a paz e a alegria perdidas. Numa de nossas existências anteriores, quando recebi o nome de Edgard, tive como filho o responsável por tua desonra e sofrimento. Mais tarde ele foi meu genro, e por duas vezes este Espírito fracassou, semeando a dor e o desespero nos corações daqueles a quem deveria amparar. Deixemos a Deus o julgamento desta alma. Só a Ele compete fazer justiça. Olha ao teu redor, veja o caminho florido que se abre para ti e vem percorrê-lo, amparado por nossas mãos. Deixa o ódio para trás e vem ser feliz. Uma nova etapa se inicia para ti. O futuro te espera repleto de novas esperanças, onde poderás redimir-te dos erros cometidos e fazer jus à compaixão e misericórdia que neste momento recebeis pela bondade do Pai.

Caliel, comovido, ajoelhou-se aos pés de Warren, agradecendo o carinho. Auxiliado pelo nobre Espírito, ergueu-se e prosseguiu, deixando para trás a triste etapa que se encerrava naquele instante.

A equipe socorrista partiu, deixando um lindo rastro de luz. Levava consigo esperanças por um futuro de evolução e progresso para Cristine e Caliel, Espíritos ainda saturados por vícios e imperfeições. Somente o tempo os tornaria melhores. Tempo de novas oportunidades, tempo de sofrimento, aprendizado, perdão e amor. E com certeza, teriam todo o tempo de que necessitassem, amparados sempre por Mensageiros Divinos que lhes estenderiam mãos carinhosas pelo caminho áspero de provações.

Irving despediu-se de Julian e Xênia, deixando-lhes recursos para o tratamento do ex-marido de sua prima. Retornou para junto dos seus, levando no coração certo pesar por não ter conseguido encontrar Cristine. Deu por definitivamente encerrado o caso. Desencarnou muitos anos depois, cercado pela atenção e carinho da esposa, filhos e netos. Deixou-lhes o legado da honestidade, do caráter ímpoluto, da bondade e da fé.

Logo após o resgate de Cristine e Caliel, apesar de poder receber melhores cuidados devido aos recursos oferecidos por Irving, Julian desencarnou. Xênia muito sentiu a perda, pois o amava sinceramente. Resignada, prosseguiu só, levando na memória a lembrança daquele a quem tanto se afeiçoara.

Julian, em Espírito, esteve a vagar pela consciência por entre as culpas e remorsos em paisagem árida e escura. Também ele teve o seu dia de graça. Acolhido por Espíritos abnegados e caridosos, recebeu o auxílio necessário e a oportunidade de uma nova programação reencarnatória.

O recomeço

Cristine foi submetida a intenso tratamento, com o objetivo de restabelecer, dentro do possível, as regiões do perísprito lesadas pelo suicídio, correspondentes às partes do corpo físico atingidas pelo afogamento, causador da falência dos órgãos e da extinção da vida orgânica. Nesse caso, a região do aparelho respiratório era o centro das atenções dos médicos espirituais e o tratamento, peculiar à natureza semi-material do corpo fluídico(16). Concomitantemente, passou por um período de aprendizado intenso(17).

16 "E que o 'corpo astral', isto é, o perísprito - ou ainda o 'físico-espiritual' - não é uma abstração, figura incorpórea, etérea, como supuseram. Ele é, ao contrário disso, organização viva, real, sede das sensações, na qual se imprimem e repercutem todos os acontecimentos que impressionem a mente e afetem o sistema nervoso, do qual é o dirigente". (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 81).

17 "*Seria longo enumerar minúcias das belas quanto proveitosas sequências dos ensinamentos e experiências que passávamos a receber desde essa tarde memorável, os quais integravam o melindroso tratamento a ser ministrado, espécie de doutrinação - terapêutica moral -, com ação decisiva sobre reações necessárias à reeducação de que tínhamos urgência.*" [Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 1 22).

Assistida por equipe especializada e acompanhada por aquele que fora seu pai, logo percebeu a gravidade de sua situação perante as Leis Universais e manifestou o desejo de alcançar o ajuste necessário. Ainda que temerosa diante das dificuldades porque deveria passar em encarnação subsequente, solicitou o retorno ao corpo físico o quanto antes. Buscava na bênção do esquecimento o lenitivo às suas dores, culpas e amarguras. A lembrança de Julian e Caliel tornava-se cada vez mais dolorosa e Cristine procurava desesperadamente fugir a essa dor(18).

Atendida no possível em tudo o que lhe seria indicado para seu progresso espiritual, sob a interseção do Espírito do conde Warren, Cristine reencarnaria. Se por um lado ansiava em abraçar a nova oportunidade, por outro temia as dificuldades pelas quais deveria passar, a fim de que pudesse iniciar o ajustamento necessário(19).

18 "Uma nova reencarnação será inevitável no vosso caso. Devereis repetir a experiência terrena que malograstes com o suicídio, negando-vos ao cumprimento do sagrado dever de viver o aprendizado da Dor, a benefício de vós mesmos, de vosso progresso, vossa felicidade futura!" (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 191).

19 "A volta de um suicida a um novo corpo carnal é a lei. É lei inevitável, irrevogável! E expiação irremediável, à qual terá de se submeter voluntariamente ou não, porque a seu próprio benefício outro recurso não haverá senão a repetição do programa terreno que deixou de executar." (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 132).

Cristine compreendia que o suicídio agravara seus débitos perante as Leis Divinas e que o reajuste a aguardava, mais cedo ou mais tarde, mas sabia que não era apenas isso. A necessidade de modificar-se era urgente. Reencarnar apenas para expiar o ato criminoso e equilibrar-se representava apenas um pequeno passo, ainda que difícil. Quantas e quantas vezes ainda teria que retornar à Terra para expiar faltas e omissões? Quando poderia olhar ao seu redor e perceber em seus irmãos encarnados as mesmas imperfeições que ela carregava, tornando-se, assim, mais tolerante? Quando teria condições para reconhecer no peito de cada um os mesmos anseios, medos e dores, tornando-se, assim, mais solidária, menos egoísta? Quando constataria na grande família terrena, embora as diferenças que imperam neste nosso mundo, a igualdade perante Deus e, desta forma, deixar de alimentar o orgulho e a vaidade?

Orgulho, vaidade, egoísmo e prepotência, incrustados em seu Espírito sofredor, a faziam retornar e errar novamente, como havia sido nas últimas existências como Glenda e Cristine. E seria mesmo assim até que a decisão pelo Bem fosse mais forte que tudo! Até que o desejo de crescer espiritualmente fosse o único objetivo. Aí sim teria forças para juntar os verdadeiros tesouros e caminhar em direção ao Pai.

Reconhecia, ainda, que perante Caliel devia o reparo da queda moral e sofrimentos causados pela leviandade de seu caráter. Estremecia à lembrança do algoz, e embora soubesse que mais cedo ou mais tarde teria que encontrá-lo para o resgate doloroso, pedia a Deus a dádiva de protelar esse momento. Quando o encontrou como Glenda, o jovem ingênuo e sonhador nenhuma semelhança apresentava com o espectro implacável em que se transformou. Fora ela a responsável, traidora e volúvel companheira, que roubou-lhe a honra e as esperanças. Como reparar tal erro, senão através de nova oportunidade, devolvendo-lhe a confiança, o amor e os sonhos? Seus orientadores espirituais, amorosos, a esclareciam sobre como redimir-se de tantos erros, mas sabiamente pediam que serenasse o Espírito atormentado.

Cristine se preparava para o retorno. Deixava-se contagiar pelos bons Espíritos, enquanto sua fé débil se fortalecia pouco a pouco. No entanto, o mais difícil era suportar a ausência de Julian e saber que por muito tempo ainda estaria dele afastada. A revolta que a levava ao ato extremo por não ter aceitado o abandono, a miséria, e a perseguição pelo processo obsessivo, seriam as mais graves faltas a serem corrigidas de imediato, inicialmente com a distância.

Realmente, o melhor lhe pareceu reencarnar o quanto antes. Além de iniciar o processo de reajustamento causado pelo suicídio, o esquecimento do passado seria uma bênção que, embora não se sentisse merecedora, a beneficiaria, atenuando a saudade e a dor pela perda que seu coração teimava em não aceitar, pelas faltas que lhe pesavam na consciência culpada. (20)

20 (...) a fim de nos desfazermos do profundo desequilíbrio que semelhante consequência produzia em nossa organização fluídica (não se falando aqui da desorganização moral, porventura ainda mais excruciante) ser-nos-ia indispensável voltar a animar outro corpo carnal, visto que, enquanto não o fizéssemos, seríamos criaturas desarmonizadas com as leis que regem o Universo, a quem indefiníveis incômodos privariam de quaisquer realizações verdadeiramente concordes com o progresso." (/Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 1 25).

Chegado o momento, reencarnou numa família humilde e numerosa, levando consigo a mácula causada pelo ato criminoso, em forma de moléstia física bastante grave. A falta de recursos agravou ainda mais seu estado de saúde durante sua permanência na carne. (21)

Nesta existência, Cristine não foi a única filha, não pôde desfrutar do conforto material que a riqueza proporciona, nem da instrução intelectual e de cuidados médicos satisfatórios. Seus pais, embora cuidadosos, traziam a rudeza com que a vida marca aqueles que passam por privações e sofrimentos. Seu desenvolvimento físico esteve seriamente comprometido pela alimentação insuficiente e pela bronquite crônica que se agravava com o passar do tempo.

Desde muito pequena, teve a oportunidade de aprender, com a falta de recursos e através da convivência com os irmãos, a dividir, colaborar, respeitar, oferecer, ganhar, perder e esperar. Quase tudo que esperou não veio e a grande lição da resignação lhe foi apresentada ao Espírito ainda despreparado. Mas o que seria de nosso progresso se as lições só se nos apresentassem quando prontos para assimilá-las? Não são justamente as oportunidades inumeráveis que Deus nos proporciona e o aprendizado adquirido através dos próprios erros que nos facilitam a evolução? Certamente, a bondade e sabedoria do Pai nos oferecem incontáveis e diversificadas ocasiões para o aprendizado e crescimento espiritual.

O sofrimento, quando bem aproveitado, eleva o Espírito e transcende a dor, mas nem sempre nos apresentamos preparados ou temos essa compreensão das atribulações da vida, e com Cristine não foi diferente. Passou por privações de toda sorte, sofreu com a severa moléstia respiratória e novamente retornou à Pátria Espiritual, 13 anos mais tarde, carregando no coração ainda a revolta, desta vez causada pelas limitações e impossibilidades que a moléstia grave lhe impôs durante a curta existência. Esquecera que fora ela mesma a causadora de todos os entraves pelo ato voluntário do suicídio.

21 "O Espírito de um suicida voltará a novo corpo terreno em condições muito penosas de sofrimento, agravadas pelas resultantes do grande desequilíbrio que o desesperado gesto provocou no seu corpo astral, isto é, no perispírito." (Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - p. 132).

Ao deixar o corpo físico, foi conduzida pela Espiritualidade amiga, mais uma vez, para dar continuidade aos planos que lhe foram traçados

com carinho, a fim de que pudesse continuar seguindo em frente, ainda que a passos lentos, no caminho da redenção. Desta vez pelos braços de Irving, seu tutor desde então. O nobre espírito, penalizado por suas fraquezas, passou a interceder em seu favor e auxiliá-la.

Assim são os divinos Mensageiros de Jesus! Apenas encontram a felicidade quando podem servir, amparar, enxugar lágrimas, estender mãos amigas com o interesse único em ajudar, sem esperar nada em troca além de assistir o progresso de almas perdidas, e a iluminação de consciências obscurecidas pela ignorância e orgulho.

Irving finalmente encontrou Cristine. Agora se chamava Fátima, mas que importância tem um nome? Cristine, Fátima, Dolores, Nilva ou qualquer outro nome... Pôde ajudá-la, orientá-la, entristecer-se com seus tropeços, alegrar-se com seus progressos e esperar, pacientemente, pela ascensão daquele Espírito. Sempre que retornava de uma jornada terrena, Irving a acolhia otimista. Sempre que o encontrava, Cristine sentia a mesma simpatia, o mesmo carinho, a mesma paz. Quem seria este tão bondoso amigo? Irving, aquele que deveria salvá-la dela mesma, mais tarde Rafael, quem poderia ajudá-la a resgatar os valores morais. Duas oportunidades perdidas e nem por isso findas.

E por mais que se preparasse e tivesse consciência de como proceder, Cristine, no palco da vida terrena, seguia em direção contrária. Era-lhe difícil despojar-se do orgulho, da paixão que ardia em seu peito e do desejo de vingança. Queria vingar-se por não ter sido amada, por ter sido preterida, por ter se comprometido tão seriamente perante as Leis da Vida através do suicídio, por não ter recebido os benefícios da riqueza material, pela fragilidade física. Sabia que este não era o caminho, mas teimava por enveredar-se pelas trilhas perigosas da ilusão. Fez suas próprias escolhas, conforme nos confere o livre-arbítrio que o Pai faculta a todos os Seus filhos, sem exceção; errou muito, adquiriu outros tantos débitos, sofreu ainda mais... Até que percebeu o quão infeliz se tornara e o quanto padecia pelos erros praticados contra si e contra seus irmãos perante Deus.

Eis, então, que todos os sinais, todas as luzes, toda redenção foram por ela percebidos de maneira única e singular. O que anteriormente lhe passara despercebido ou se mostrara incompreensível ou inconcebível, se apresentou claro e transparente, em inconfundível verdade eterna e imutável - o nosso momento de ascensão. E sua luz começou a brilhar!

Compreendeu, afinal, em Espírito, todos os porquês, todas as dores e aflições, e colocou-se acima de tudo. Desejou atingir o ápice da montanha e vislumbrar o futuro radiante que espera aos que têm coragem para a grande escalada, onde as imperfeições vão ficando para trás e as virtudes representam as conquistas!

A partir de então, desejou renascer pelo Amor e pela Fé. Naquele instante, verdadeiramente encontrou-se com Jesus e teve forças para suportar o fardo de provações que juntara para si mesma durante tanto tempo. Nova etapa iniciou-se em sua vida. Mas esta é uma outra história...

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrar eis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

(Mateus, XL28-30).

Personages

1. Cristine T.
2. Julian T.
3. Conde Wallace T.
4. Gleyd H.
5. Warren T.
6. Dalton T.
7. Nancy T.
8. Irving T.
9. Durval B.
10. Evelyn T.
11. Lorde Harold S.
12. Grazia
13. Wesley
14. Caliel
15. Duque Edgard L.
16. Kevin L.
17. Glenda

OS FATOS NO TEMPO

Inglaterra, séculos XV e XVI

1439 - União matrimonial entre o conde Wallace T.
e Gleyd H. 1461 - Morte de Nancy

1483 - Warren conhece Evelyn

1484 - Rompimento entre Warren e Dalton

Casamento de Warren e Evelyn Mudança do casal para cidade
distante

1485 - Nascimento de Cristine

Warren escreve a Dalton

1501 - Cristine conhece Julian

1502 - Casamento de Cristine e Julian

1505 - Desencarne de Warren T.

1506 - Desencarne de Evelyn T.

1512 - Irving encontra a carta escrita por seu tio 1515 - Julian
abandona Cristine

Morte de Cristine 1530 - Cristine e Caliel são socorridos

Mensagens em torno do Suicídio

Mensagens psicografadas sobre suicídio, recebidas em reuniões espíritas no centro União Espírita de Piracicaba.

PALAVRAS DE CRISTINE

Ante as aflições da vida
Esperança desvalida Feridas, espinhos e dor.
Faltam a força e a coragem
O cansaço chega covarde
E pensas em debandar.

Parece não teres saída
Nem acalento ou guarida.
Apenas a voz do tormento
Em teu peito um lamento
Em teu coração o amargor.

Queres fugir do conflito
Da alma o gemido, o grito
Da luta desertar.

Eleva o teu pensamento
Dá-te a chance num momento
Pensa no Mestre Jesus.

Não há dor que nunca se acabe
Nem sofrimento eterno.
Busca forças confiante
Vai, segue adiante
Estás a um passo da luz!

Ouve estas rimas de quem um dia
Buscou no instante da agonia
Ao desespero pôr um fim.
Mergulhando nas águas escuras
Afogar as mágoas da loucura
Acabar com o tormento e aflição.

E ao atravessar a enorme porta
Que nos separa dos céus
Caiu em abismo sombrio
Viveu comoções de amargor.

E, como o Pai é bondade
Recebeu a caridade
Das mãos da mãe de Jesus.
Maria Santíssima é nobre
Resgatou esta alma pobre
Das lamas do remorso e da dor.

Agradeço tanta bondade
Falando com sinceridade Abrindo meu coração:
— A vida é presente caro
Oportunidade sem par.

Haja o que houver, não desistas.
Não estás só, não te aflijas
Busca coragem na fé.

Luta e segue adiante
A dor é breve instante
Caminho para a luz e para o amor!

VIDA APÓS A MORTE

Os obreiros da luz, em suas lutas incessantes no auxílio aos suicidas, buscam aliviar as almas aflitas, aguardando o lenitivo de seus próprios julgamentos de atraso moral, que repercutirá em demandas mais longas em suas jornadas.

Amigos, não duvidem da vida após a morte, ferindo seu corpo carnal, porque estarão cruzando um caminho penoso de amarguras e lágrimas onde irão acumular débitos mais penosos do que seus problemas atuais.

Suportem com humildade e com a certeza de que nosso fardo contém somente o peso do que somos capazes de suportar.

Da vida somos os verdadeiros autores e seremos os responsáveis por reparar os danos que causarmos.

Um amigo

28/01/07

Psicografia recebida pela médium Bernadete

SUICIDIO É UMA TRANSGRESSÃO

O suicídio é uma transgressão
A uma importante lei divina
E o suicida sofrerá, então
Por sua desobediência e indisciplina.

Terá que recompor o perísprito
Que ele deixou bem lesado
Tendo que voltar ao mundo
Doente, idiota ou aleijado.

Com a implantação da Doutrina
Não haverá mais suicídios
Pois o homem compreenderá
A bondade e a justiça divinas.

SUICIDIO QUE ÍDEIA INFELIZ

Suicídio, que ideia infeliz!
Não diga isso meu amigo
Você não sabe o perigo
Você não sabe o que diz.

O corpo é uma bênção
Que devemos preservar
Só por ele nós podemos
Progredir e nos elevar.

Cuidemos muito bem dele
Tratemo-lo com muito amor
Não criemos vícios com ele
Livremo-lo do obsessivo.

Saberá que a dor é passageira
Que o levará à evolução
E aceitará tudo com paciência
E com muita resignação.

Poesias psicografadas pela médium Rosires Rolin

SUICIDIO INCONSCIENTE

Todo espírita deve saber
O seu corpo bem preservar
E nenhum vício deve ter:
Fumar, drogar, prostituir ou beber.

Há também os vícios mentais:
Os hipocondríacos com medo da doença
Acabam vitimados por ela
Os tristes e desiludidos sem crença
Alimentam-se só de suas mazelas.

Muita oração e vigilância
Nos deixarão equilibrados
Conscientes da nossa importância
De filhos do Pai amado.
O suicídio é uma agressão
Ao corpo, à Lei, à Vida
Não o pratiquemos, então,
Jamais sejamos suicidas.

O irritado, o ciumento, o apegado
Todos passam mais cedo pr'outro lado
E vão sofrer horrores no umbral
Porque fizeram ao corpo muito mal.

Precisamos todos os vícios combater
Esforcemo-nos em parar de fumar
Nenhum excesso devemos cometer
Para isso: orar e vigiar.

Pecamos à Espiritualidade
Que nos dê força de vontade
Para acabar com os vícios e a insensatez
E escaparemos do umbral de uma vez.

Poesias psicografadas pela médium Rosiris Rolin Zaidan

A BENÇÃO DA REENCARNAÇÃO

Por quantas vezes não vos pegais à toa, desinteressados da vida, desprezando-a e realizando planejamentos tanto quanto funestos?

Por quantas e quantas vezes desperdiçais tempo que seria para labor útil, em pensamentos inferiores e propostas negativas?

A vida, a encarnação é uma bênção, não um castigo como asseveram alguns.

Se não fossem as múltiplas encarnações, como poderíamos deixar de ser a pedra bruta, para nos transformarmos em estátuas perfeitas, grandiosíssimas obras de arte?

Através das inúmeras vindas na carne aprendemos, amamos, sofremos, nos desenvolvemos e, enfim, crescemos, tal é a Lei.

Entrementes, muitos, ao passarem pelas mínimas provações, abandonam o cenário terrestre, destruindo o envoltório bendito da carne com o pensamento de que o pior iria acontecer. Ledo engano. Todos temos compromissos. Ninguém está à toa no universo.

Nosso compromisso com Deus é de evoluir, e para com o próximo é de tolerá-lo e auxiliá-lo a crescer.

Quando saímos de cena antes do último ato, estamos fugindo de nossas responsabilidades e abandonando tarefas de muita importância, compromissos estes com Deus, com nosso próximo e, principalmente, com nós mesmos.

O fato de abandonarmos as situações desgastantes por falta de um mínimo de fé e esperança nos prejudica profundamente, acarretando esta atitude sofrimentos ainda mais atroz.

A estadia breve no manto de carne é bênção divina. O Pai, em sua imensa bondade, nos propicia inúmeras chances para vencermos a ignorância e adquirirmos o amor universal; cabe a cada um de nós aproveitarmos as oportunidades, pois o tempo é nosso aliado e quanto mais realizarmos pelos nossos semelhantes, mais estaremos realizando por nós mesmos.

Saibam que no plano espiritual pululam centenas de milhares de Espíritos fracassados em compromissos anteriores, ansiosos por nova oportunidade redentora de reencarnação.

Desprezaram noutra tempo doces oportunidades e agora, esforçam-se para adquirir nova chance.

Só damos valor àquilo que amamos e que nos é importante, quando perdemos.

Não desprezem seus compromissos; não esfolem o manto benfazejo de carne, não maltratem, não abusem, não machuquem e não desdenhem. Amem profundamente e, em verdade vos digo, aqueles que assim o fizerem, crescerão de forma tão doce e tão bela que as dores, as críticas e lamentações serão motivos de compaixão e, alicerçados na fé consciente e imorredoura, não perecerão, mas sim, como o Mestre asseverou docemente, vencerão o mundo, como ele o fez.

Vivam, e que a vida seja um cântico de alegrias iluminando a aurora de vossos dias.

Teófilo.

Mensagem psicografada pelo médium Alexander Kelly Bonafini, em reunião mediúnica realizada no dia 27/01/2007 na União Espírita de Piracicaba.

CONCEDER O AUTO PERDÃO

Mãezinha, que Deus a abençoe por suas preces em meu favor, e que você possa, por sua vez, me abençoar para que eu consiga sair da escuridão em que meus remorsos me meteram.

Mamãe, não estou só nem abandonado, pelo contrário, irmãos queridos lutam por me fazer desviar da mente pensamentos obsessivos que me corroem a alma. Será que os que têm a mesma terrível ideia que eu, de fugir à vida, têm alguma noção do que isto significa? Será que algum deles imagina que a vida não se acaba, só a do corpo físico, e permanecemos os mesmos, com os mesmos problemas, as mesmas dores, a dedicação, seu amor infinito, mesmas insatisfações, só que, desde o momento fatídico da opção pela morte provocada, sem condições para solucionar os problemas ou suportar as dores, as soluções nos vêm à mente e pensamos: como não me ocorreu isto antes? Agora é tarde!

Sim, após o gesto tresloucado já não adianta pensar em soluções. Não resolvemos nossos problemas e ainda deixamos um rastro de dor que atinge todos os familiares, principalmente os pais, que sempre acham que poderiam ter evitado que a situação chegasse a tal ponto.

Mãezinha, meus queridos, o único culpado do que ora enfrento sou eu mesmo, que fui fraco, covarde, que não soube valorizar o bem maior que era a minha VIDA. Diz-se, por aí, que enquanto há vida há esperança, e vocês não imaginam o quanto é verdadeira esta frase. Refere-se, é claro, à vida na carne, vida física. Eu destruí as esperanças, pelo menos desta última existência corporal, e sabem o que é pior? Segundo os Espíritos-irmãos que hoje me "tutelam", digamos assim, pois que não me abandonam desde que roguei ajuda a Jesus, terei que passar por situações semelhantes e vencer, no momento azado, o ímpeto de fugir novamente à vida.

Sim, mãezinha, todos nós nascemos e "morremos" (fisicamente) centenas, ou mais, de vezes, pois Deus nos dá novas oportunidades sempre que necessário para que amadureçamos, crescamos e prossigamos nosso caminho para o Alto.

Hoje, mamãe, ainda me condeno demais. Está difícil me conceder o auto perdão para poder sequer pensar na próxima existência, mas é questão de tempo, pois, na verdade, meu tempo começou a ser contado novamente há não mais de 3 meses, mais ou menos. Tenho tentado me aprumar, mas a vergonha sempre me curva, e é através desta dor moral, principalmente, que chegarei ao caminho certo. Tenho fé e amigos queridos que me ajudarão enquanto eu precisar. Quanto a vocês, só posso pedir perdão pelo meu egoísmo, que não avaliou a dor que vocês sentiriam. Perdão, queridos. Continuem orando por mim, pois suas preces foram fundamentais. Perdão aos familiares e ao motorista do outro veículo.

Perdão! Perdão! É tudo o que preciso para me sentir gente novamente, e não um ser desprezível.

Amo vocês. Eduardo

Mensagem recebida em 04/03/2004, na UEP por Marly Campanha

MARCELO FUI, MARCELO SOU

Meu querido irmão sou eu, cara, o Marcelo! Eu mesmo! Estou vivo, consciente, com novas ideias e intenções após um período nada fácil que, graças a Deus, consegui superar, com muita ajuda de criaturas incríveis que aqui encontrei.

Dizer o quê sobre os fatos acontecidos? "Talvez" eu tenha precipitado um tanto minha partida, ou talvez não, talvez tenha chegado minha hora, e é nisto que prefiro acreditar.

Lamento muito a dor que lhe causei. Sei a falta que sente de mim, meu querido irmão, mas talvez eu não fosse boa influência para você... Será? Não dizem que só os bons "partem" cedo? Então, com certeza, sou o melhor da família... Só brincando para não chorar, não é, cara?

Marcelo fui, Marcelo sou. Nossos sentimentos não mudam com a nossa mudança de endereço: as tendências, as manias, os desejos continuam iguais, só que, em sua maioria, têm que ser readequados para que nos adaptemos a este mundo novo.

Estou me preparando para nova oportunidade, não sei exatamente quando, mas não deve demorar muito: voltarei à Terra noutra corpo e, de preferência, na nossa família. Recebam-me com muito, muito amor, tá? E tenham paciência comigo, pois levarei comigo muitos defeitos de caráter, mas um grande coração...

Dizem que somos reconhecidos, no retorno à Terra, pelos olhos, pelo olhar. Será?

Amo vocês, sempre e sempre hei de amar.

Mamãe, papai, queridos todos, recebam meu beijo no coração e perdão pela dor.

Marcelo

Mensagem recebida em 25/11/2004, na UEP por Marly Campanha.

A CULPA FOI SÓ MINHA

Mãezinha, papai, queridos todos, com a face rubra de vergonha venho até vocês pedir perdão pelo meu ato tresloucado.

Mãezinha, não me peça explicações, pois eu não poderia, não saberia lhe dar. Por que fazemos algo tão radical? Onde está tudo o que aprendemos desde pequenos com os pais, com a família? Como nos esquecemos do amor, do carinho, da dedicação dos que nos amam e destruimos o bem maior que é a nossa vida na carne? Eu não sei! Não tenho condições de responder-lhes, queridos. Só sei que num momento a vida me pareceu sem sentido, sem objetivo... Que me senti cansado demais para enfrentar o futuro, um futuro que absolutamente não me interessava. Faltou-me o pé... Não sei como dizer... De repente vocês não significavam nada em minha vida, eram estranhos; eu me sentia pressionado a enquadrar-me num determinado tipo de vida onde tudo parecia ter que "ser como tinha que ser", sem que eu pudesse interferir... não sei!

Só sei, queridos, hoje, que perdi preciosa oportunidade. Sofri demais, não conseguiria transmitir-lhes, nem quero, os horrores pelos quais passei, mas parece que o pior já passou. Estou, agora, num lugar melhor, bem melhor do que aquele por onde vaguei perdido por anos.

Hoje reconheço em mim um filho de Deus, amparado, apesar de tudo, e objeto de muito amor por parte de dedicados Espíritos que conosco (eu e outros que praticaram o malfadado ato...) convivem, que nos falam de Jesus, de Deus, das nossas vidas múltiplas e a razão de ser delas... Agora, orientados, percebemos, com horror, a grandeza funesta de nosso ato de destruição do corpo que nos servia de instrumento para o progresso. Conservamos sequelas dos ferimentos provocados, dos danos causados, em nossos perísperitos. Não é nada fácil. Pelo contrário, é muito difícil!

Queridos, ninguém teve culpa alguma no fato. A culpa foi só minha, de um Espírito cheio de problemas e inseguro, mas que se propõe a crescer, a estudar, a aprender e a voltar forte e confiante em outra oportunidade.

Eu precisava lhes falar para lhes pedir perdão e agradecer as preces, o amor, o carinho...

Não tentem descobrir o porquê do acontecido, simplesmente porque não houve qualquer razão que não o meu desequilíbrio e o concurso, talvez, de inimigos do passado, com os quais preciso aprender a me harmonizar.

Estou me descobrindo e nesta descoberta estão vocês. Eu os amo.

Obrigado por tudo, queridos, e não me esqueçam, pois preciso de vocês.

Paulo (Paulinho)

Mensagem recebida em 02/10/2003, na UEP por Marly Campanha.

FUI VITIMA DE MIM MESMO

Minha esposa e companheira, será que um dia me perdoará? Não fique eternamente se perguntando "por que", pois o errado fui eu, unicamente eu. Não tive forças para enfrentar a vida, a mesma vida a que me propusera vencer. Fui fraco, egoísta, orgulhoso, enfim, paguei e ainda pago pelo erro cometido. Minha ausência não resolveu nada, pelo contrário, criou problemas enormes que não constavam dos nossos planos de vida nesta existência.

Não sei o que mais lhe dizer senão que eu a amo, e a eles também, e que no momento de loucura não pensei em ninguém senão em mim, em livrar-me dos problemas, o que, como sabe, não aconteceu.

Por muitas vezes fui procurá-la, perdido, buscando socorro junto a você, mas havia uma parede de vidro inquebrável a nos separar; ainda assim você me sentia e passava mal. Perdão!

Quando você tiver me perdoado de coração, entendido que fui uma vítima de mim mesmo, pois vocês, ao superarem os problemas por mim criados, só cresciam, enquanto eu afundava, espero vir a conhecer a sensação da liberdade plena para recomeçar.

Sempre seu,

José S. (Silva)

Mensagem recebida em 09/01/2003, na UEP por Marly Campanha

SÓ PENSEI EM MINHA DEPRESSÃO

Filha, minha querida, sou eu, meu amor,

Filhinha, me perdoa! Perdoa o meu egoísmo que fez com que eu só pensasse em mim, só visse os meus problemas, me envolvesse só com a minha depressão, sem ver o mal que fazia a vocês todos.

Eu acreditava que, morrendo, pudesse parar de pensar, pois tudo se acabaria, seria o fim da tristeza... Ingrata que fui para com Deus, que me deu filhos queridos para eu cuidar, uma casa para eu morar, uma vida para eu viver... Como eu disse, só pensei em minha depressão e queria "desligar" de tudo. Só que não foi o que aconteceu. Após minha atitude desesperada, percebi que estava presa em algum lugar fechado e pequeno. Levantei os braços (do corpo espiritual) e percebi que estava dentro de uma caixa. Na hora não me ocorreu o que estava acontecendo. Acreditei-me viva, ainda, e que alguém me prendera para eu não tornar a fazer bobagem. Comecei a bater, empurrar, mas nenhum som saía e a tampa não se movia. Enfim, querida, eu estava no caixão, presa ao meu corpo material pela "energia vital" que ainda existia nele. Foi tudo horrível. Lamento estar lhe contando isto, mas é para que você saiba o que acontece com os covardes como eu.

Certo dia alguém gritou, lá de fora, para eu sair. Eu disse que não podia, que estava presa, mas a pessoa disse que eu já podia sair. Ia empurrar a tampa, mas levantei-me e saí sem necessidade de abrir nada. Saí andando pelo cemitério e, de repente, estava num bosque onde parecia ter chovido muito, pois o chão era pura lama, onde os pés afundavam. As árvores, sem folhas, não nos protegiam do frio e do vento. Eu tinha fome, sede, chamava por alguém e nada via. Andei, andei, andei, até que sentei no chão, apoiada a um tronco, e tentei dormir. Não conseguia. Que era tudo aquilo? Afinal, se eu estava viva, como fora me meter naquela situação? Estaria sonhando? Comecei a rezar, rezar, pedindo ajuda a Deus, a você, ao Fernando, a todos. Creio que se passaram muitos dias e eu fiquei ali, na mesma posição, sentindo dores, fome, frio. Certo dia, desesperada, pedi perdão a Deus, a vocês, à Virgem; roguei seu auxílio, que me tirasse daquele inferno, e então quem me aparece? O Fernando. Deus, o que estava acontecendo? Será que eu tinha enlouquecido? Meu filho se ajoelhou, me beijou, chorou muito ao me ver naquele estado e disse que tinha vindo me buscar. Aconchegou-me ao seu peito e, aquecendo-me com seu corpo, me levou para o hospital. Lá fui tratada, cuidada, alimentada. Seu irmão não saiu do meu lado. Dizia o tempo todo: "Deus sabe o que faz", e eu não entendia por que dizia isto. Afinal, após uns dois dias, ele me contou que "morrera" devido a um acidente. Foi assim que soube que estava "morta" e, conseqüentemente, que a "morte" não existe, pois a vida é imortal. Só meu corpo e do seu irmão haviam morrido, não nosso Espírito.

O Fernando contou-me que ficara muito revoltado ao saber que tinha "morrido", pois tinha uma vida pela frente, seus sonhos, seu trabalho, seu amor, seu futuro e tudo isto lhe fora roubado. Começou a se unir a más companhias que sugeriram que buscasse vingança, mas certo dia lembrou-se da mãe e resolveu procurá-la, ir para junto dela. Foi assim que soube que eu estava no "vale dos suicidas", como vocês aí chamam aquelas regiões. Começou a pedir por mim. Quando pedi perdão a Deus, os socorristas o chamaram para ir junto buscar-me, se quisesse, e ele, esquecendo os próprios problemas e a revolta, foi buscar-me. O susto que passou, o horror que conheceu, fizeram com que refletisse melhor, e procurou conhecer os fatos relacionados à vida e à morte.

Sabemos, hoje, que nascemos muitas e muitas vezes, em novos corpos, e que sempre teremos oportunidade de consertar os erros praticados.

Estamos estudando. Eu ainda estou muito sofrida, bastante desequilibrada e tenho pesadelos com aqueles tempos iniciais. Sei que precisarei vencer muitas lutas, aqui e aí, para voltar a andar pela trilha da evolução, para Deus, mas estou me fortalecendo na fé para conseguir isto.

Minha filha, por favor, não chore por mim. Antes, fique feliz, pois fui socorrida, estou com meu filho e terei novas oportunidades. Esta, a de lhe escrever, já não é uma bênção?

Perdão novamente. Não se culpem jamais pelo ato insano de um ser egoísta. Eu escolhi e paguei (estou pagando) bem caro a minha "fuga" frustrada. Eu tinha outros caminhos, achei este mais fácil.

Amo você, filha. Amo vocês. Perdão.

Joana

Mensagem recebida em 31/03/2005, na UEP por Marly Campanha

ESQUECI DO COMPROMISSO

Querida sobrinha, meu anjo tão querido, como é bom ser lembrado com carinho, sem julgamentos, sem avaliações, sem condenações...

Meu bem, preciso que você seja intermediária das notícias que ora passo a ditar:

Destruí uma obra divina, o corpo físico que Deus me deu para, em oportunidade preciosa, crescer espiritualmente, reduzir meus débitos de vidas anteriores e mostrar minha força interior. Falhei! Esqueci do compromisso assumido, e ao invés de "elevar-me", caí num dos vales do horror, num dos vales para onde são atraídos os Espíritos infelizes que não deram valor a si próprios, que pretenderam fugir de dificuldades que lhes cabia superar para amadurecer e crescer. Falhei! Acovardei-me e fugi à vida, ou melhor, pensei que estava fugindo, escapando dos problemas, sem imaginar que o inferno por nós imaginado seria um parquinho infantil perto do lugar para onde fui. Veja bem, ninguém me levou para lá. Simplesmente, após passar muito tempo preso ao meu corpo físico, sentindo, vivenciando sua destruição, seu apodrecimento, fiquei aprisionado aos meus ossos - parecia que eram uma placa metálica e eu um ímã que não conseguia me despregar dela. Estava escuro, abafado, não havia espaço para eu me esticar e eu gritava em vão por socorro. Pensei por muito tempo que havia sido enterrado vivo e tentava abrir o caixão, mas não conseguia. Enfim, passado o horror do confinamento, vi-me atirado a um lugar onde só havia barro fétido, larvas, animais rastejantes nojentos, frio, escuridão, gritos, e eu tinha fome e dores sem fim. Não creio que um ser possa passar por sofrimento mais terrível. Na verdade, é indescritível. E não temos noção de tempo, espaço, distância, sei lá... Todos são "vermes humanos", ou simplesmente "vermes" a rastejar no lodo.

Minha querida, se lhe conto tudo isto é para deixar meu testemunho do que acontece com aqueles que acreditam que na morte autoprovocada encontrarão a paz e a solução para todos os problemas.

Não sei quanto tempo se passou, e eu maldizendo Deus, que se esquecia destes infelizes que se arrastavam pelo nada. Não era Ele nosso Pai do céu? Como fazia isto conosco? Um dia, alucinado de dor, de frio, de cansaço, de desesperança, clamei por socorro. Pedi à Virgem que me socorresse, pois que ela era mulher e, portanto, mais sensível à nossa dor. Chorei muito, implorando pelo seu socorro, e ao abrir os olhos senti uma luz a cegar-me e a aquecer-me o corpo gelado. Enxerguei meu corpo físico, apodrecido, esqueleto com perda de partes essenciais, imundo, cheio de vermes a "passear" pelos meus ossos (pois que nada lembrava um ser humano). E uma senhora linda, de longos cabelos pretos lisos, olhos negros que cintilavam como estrelas, vestes imaculadamente brancas, abaixou-se, tomou minhas mãos, ergueu-me com sua força, amparou-me junto ao seu corpo e ali eu "apaguei", despertando limpo, lavado, vestido com um camisolão claro e sentindo-me muito bem, sem fome, sede ou frio. Dos pés da cama "ela" me sorria e dizia: "Tenha fé, meu filho, o pior já passou. Agora você vai recomeçar e não estará só. Deus te ama. Eu te amo. Todos nós te amamos e estamos aqui para ajudá-lo, pois que é nosso irmão."

Ela se foi. Eu dormi, sem sequer conseguir agradecer, e após tempos indeterminados para mim, despertei e ouvi preces em meu favor, palavras de incentivo e, pela graça de Deus, hoje posso vir lhes dizer que já estou recomeçando a vida neste plano, estudando, inicialmente, as causas da minha queda, o porquê do meu fracasso (foi a segunda vez que cometi o mesmo ato!). Agora, espero só retornar quando estiver bem fortalecido espiritualmente.

Aos que aí deixei sofrendo, confusos, até se culpando do inexistente, peço perdão, de coração. Vocês dependiam de mim e eu os abandonei novamente.

Perdão! Perdão à família que prometi amparar e à qual leguei o pesadelo da dúvida sobre os reais motivos do meu ato. Covardia, apenas isto: covardia de um Espírito muito imperfeito, mas que ainda não se perdoou pelo mal que lhes causou, apesar de amá-los. Saudade e amor do

Carlos

Mensagem recebida em 06/11/2003, na UEP por Marly Campanha

ME SALVE MÃE MARIA!

Minha querida filha; irmã amada que recebi em meu ventre e em minha vida como filha e que, apesar de tanto amar, feri tão profundamente.

Querida, o tempo passou e parte dele posso dizer que "vivi" no inferno preconizado pela igreja católica. Não havia um diabo de chifres e rabo com tridente na mão, nem fui cozida em caldeirão de água fervente, mas o sofrimento creio que foi equivalente.

Meu amor, quando covardemente resolvi desertar da vida, fugir a responsabilidades e problemas, fui egoísta a tal ponto que não pensei na dor de vocês; aliás, acreditei que não sofriram como eu e que o esquecimento logo viria. Quanto a mim, estaria liberta!

Que engano! Terrível e doloroso engano!

Filha, acordei dentro do caixão em que fui enterrada! Pensei ter sido enterrada viva, me desesperei, tentei sair, mas não conseguia abrir a tampa do caixão. Vou poupá-la, querida, da descrição do que veio a seguir.

Liberta, finalmente, saí andando em busca de um lugar melhor, pois onde estava o chão era de barro mole, onde os pés afundavam a cada passo, cansando-me muito. Eu tinha fome, sede, e não via qualquer casa, luz, pessoa para pedir ajuda. Andei muito, por longo tempo; chorei demais, gritava por vocês, não me conformava de estar viva após a morte do corpo (constatei esta verdade quando consegui sair do túmulo, deixando ali meus ossos - só podiam ser meus, pois estavam ao meu lado, fechados!!!).

O suplício de alguém que destrói a própria vida física é indescritível, e se lhe conto, por alto, o que passei, é para que jamais pense em repetir meu ato e para que alerte qualquer um que lhe mencionar tal desejo.

Não sei quanto tempo se passou, só sei que eu estava cada vez pior, mas não me lembrava de rezar, mesmo porque não me considerava merecedora ou digna de me dirigir a Jesus ou a Deus após o que fizera.

Um dia, deitada naquele chão úmido, fétido, sem conseguir dormir, com dores, desesperada, gritei pedindo socorro a Virgem Maria. Orei o Pai Nosso, mas sem muita concentração, pois estava meio louca, mas ainda assim fui ouvida, pois um raio de luz focalizou-me, cegando-me, e por ele "desceu" uma mulher linda, vestida de branco, acompanhada por dois rapazes negros que traziam na mão direita uma espécie de flecha comprida, de cuja ponta saíam raios azulados. Ela me abraçou, enquanto os jovens vigiavam (o quê?) em torno. Eu me joguei aos seus pés, segurando suas pernas e gritando: "Me salva, Virgem! Me salva, mãe Maria!". Pensei que era a própria Virgem, mas a mulher se abaixou até mim e disse: "Sou apenas uma irmã sua, uma mulher que muito errou também, e que por gratidão ao Pai pelo socorro recebido, auxilia aqueles que rogam ajuda a Jesus. Levante-se, irmãzinha, e vamos embora deste triste lugar!"

Minha filha, a partir daí eu realmente recomecei a viver. Fui levada a um hospital, submetida a tratamento (física e emocionalmente) e obtive as respostas às perguntas que me atormentavam.

Com o tempo eu me adaptei ao "novo mundo", estudei muito as Doutrinas Espiritualistas, o Evangelho de Jesus, e me fiz, também, socorrista nos vales dos suicidas, como Simione, aquela que me socorreu.

Ante as possibilidades de renascer, reencarnar num corpo desorganizado, ou enfrentar o trabalho socorrista mais árduo que tem, preferi este, não pelo fato de que seria deficiente, mas porque considero um verdadeiro sacerdócio de amor socorrer os desequilibrados, como eu, que tiram a própria vida acreditando fugir aos problemas, dormir, acabar com tudo. Além de continuarmos com nossas aflições, nossa consciência nos acusa, permanentemente, pelos efeitos devastadores que atingiram a família, aquela família na qual não pensamos quando decidimos "partir", "deixar de lado os problemas", "fugir da realidade".

Querida, ninguém tem culpa, jamais, se seu próximo tira a própria vida. É um ato egoísta, covarde, cujo único culpado é aquele que pretende "fugir às responsabilidades". Vocês todos, que ficam, são vítimas desse egoísmo e desamor.

Perdão, filhos! Perdão, queridos!

Com amor da

Ivone

Mensagem recebida em 26/08/2004, na UEP por Marly Campanha

OVERDOSE

Pai, paizinho! Mãezinha, minha pobre mãe! O que eu fiz a vocês? O que eu fiz a mim? Quanta dor, quanto sofrimento, meu Deus.

Paizinho, pelo amor de Deus, não sofra dessa forma que eu não sou digno disto! Mãezinha, não chore! O que lhes posso dizer? Quem teve culpa? Ninguém? Não, eu tive culpa. Eu tive toda a culpa, pois sabia no que estava "entrando". Foi um "teco" só! De graça! Entre amigos! Legal!!! Um segundo, sem compromisso - eu era dono da minha vontade! Ah! Maconha não faz mal! Qual o que, o cigarro é pior!

E assim, com estes pensamentos, ouvindo estes argumentos e utilizando-os para me justificar, fui adentrando o mundo negro das drogas. Era bom! Era um não ser! Não existir! Não pensar em nada! Posso voar! Vida? Responsabilidade? Família? Que saco! Só para perguntar, perguntar, acusar, acusar, chorar, pedir... que droga! Que perturbação! Eu quero é paz!!!

E assim, queridos, sempre muito bem acompanhado por "amigos" leais, sinceros, fui caindo, caindo, até atingir o fundo do poço. E ainda assim eu não aceitava ajuda para sair.

Destruí a família, destruí o lar, acabei com os sonhos, as esperanças, o amor, a paciência de todos que me amavam. E eu, onde se escondera o meu amor? Pois eu os amava, mas não naquela fase; naquelas ocasiões eu os odiava mesmo - eram interferências inadequadas na minha vida. Eu era mais eu e sabia, achava que sabia o que fazia.

De repente, não sei exatamente quando, descobri que não queria mais aquilo, mas o vício era mais forte e eu não conseguia mais ter vontade própria. Nada tinha valor a não ser aqueles momentos de "viagem", a "nóia". Eu ia atrás, estivesse onde estivesse o pó. Perigo? Nem noção de existir. Medo? Só de ficar sem ele (o pó). Vocês?

Estavam fora da minha vida, que se resumia aos "baratos", às "carreirinhas", ao pó, maldito pó!

Papai, mamãe, eu ainda estou bastante doente, e se me trouxeram aqui foi para ver que a perda é irremediável. Se continuo a escrever (ditar) é porque preciso externar meus sentimentos, pois meu peito e minha cabeça parecem que vão explodir.

Perdão, queridos! Perdão, paizinho, vítima do meu vício, do desamor causado pela dependência química. Perdão por não ter aceitado o braço que você me oferecia para eu me apoiar e me reerguer. Perdão, mãezinha, pelo pranto que a fiz verter, pela dor que lhe causei, pela incompreensão da doação que vocês faziam para mim de suas horas, de seus pensamentos, de suas preocupações, enfim, de suas vidas mesmo.

O que lhes digo é que estou procurando seguir o tratamento médico, apesar de recaídas que não posso evitar, mas que agora estou consciente, o que não estava até bem pouco tempo atrás.

Ainda não estou bem, nem lhes posso prometer nada em definitivo, mas uma coisa posso lhes afirmar: eu os amo, eu os adoro e lhes devo tudo, tudo, não sei bem o que é este tudo, mas um dia irei devolver-lhes em amor e carinho, em motivos de orgulho, em paz.

Orem por mim, queridos, pois a prece faz renovações e eu preciso delas.

Perdão e saudades. Um dia me verão recuperado, se Deus quiser, pois a lembrança de seu amor me dará forças, tenho certeza.

Do sempre seu

Guilherme

Mensagem recebida em 25/04/2002, na UEP por Marly Campanha

Nota: Os nomes contidos nas mensagens psicografadas por Marly Campanha foram modificados, para preservar a identidade das pessoas envolvidas.



Miriam Valle Campos, casada, três filhos, nascida em Piracicaba, de família espírita, formada em Enfermagem pela UFSC.

Frequentadora da União Espírita de Piracicaba há mais de uma década participa no seu Departamento de Evangelização.

Participou do Grupo de Teatro nessa instituição de 2000 a 2005, onde, com o auxílio da Espiritualidade, teve a oportunidade de escrever as esquetes e peças apresentadas.

Por meio da intuição ou nos estados de emancipação do espírito durante o sono, recebeu as ideias, desenvolvendo e transformando-as em enredos adequados ao grupo, palco e ocasiões comemorativas.

Promove a realização de diversas Oficinas de Pintura.

Estuda e promove a modernização das aulas de Evangelização do Centro União, dentro das bases invioláveis da Doutrina Espírita, ou seja, por meio de propostas de ensino-aprendizagem onde a criança e/ou o jovem participam desse processo de forma ativa e prazerosa.